

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Ana Cristina Crossetti Vidal

“Minha vó é pouco veia, pouco jovem.”
Articulações das Crianças sobre as Representações de Velhice

Porto Alegre

2011/1

Ana Cristina Crossetti Vidal

“Minha vó é pouco veia, pouco jovem.”

Articulações das Crianças sobre as Representações de Velhice

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Susana Rangel Vieira da Cunha

Porto Alegre

2011/1

Agradecer nunca é uma tarefa fácil, pois esse ato não revela jamais a dimensão do que nos foi ofertado e nem a todos que nos ofertaram. Porém existem mais importâncias dentro de tantas importâncias.

Aos meus avós, Geraldo, Nila e Maria Júlia que me deram, em sua velhice, tanta ternura e carinho.

À Susana, minha querida orientadora nesse trabalho e na bolsa de IC, que me mostrou o mundo das imagens como nunca eu olhara.

À Camila, explosão de alegria, juventude e sabedoria, que compartilhou comigo a orientadora, o “grupo” de pesquisa, sua amizade e a alegria de viver com muito humor.

À Manoela, Alice, Lívia, o que eu faria sem vocês, amigas, companheiras de dramas, alegrias e risadas?

Aos meus Pais, Jorge e Nara, meus primeiros professores. Vocês são o meu lar, na concepção mais bela e profunda: o lugar para onde retorno sempre.

Ao meu irmão Roberto, querido, amado culpado, maior responsável por essa escolha em me tornar professora.

À minha irmã, Ana Cláudia, ombro e coração emprestado, melhor amiga.

Aos meus sobrinhos, Mariana e Guilherme, que me fizeram ser criança de novo.

Ao meu marido, Charles, meu outro lar, por conseguir me amar apesar de tudo!

Por fim, à Maria Clara, minha filha, que me ensinou que mesmo o impossível, precisa ser tentado e que tanto amor não suporta um só coração.

E eu ainda estou, todos os dias, me esforçando para aprender...

A vida é sempre a nossa vida, aos 12 anos, aos 30 anos, aos 70. Dela podemos fazer alguma coisa mesmo quando nos dizem que não. Dentro dos limites, do possível, do sensato(até alguma vez do insensato), podemos. Só seremos nada se acharmos que merecemos menos de tudo que ainda é possível obter.

(Lya Luft, 2004)

RESUMO

Esta pesquisa compreende a velhice como categoria social construída, apontando para a heterogeneidade de experiências dos sujeitos que nela se instituem e considerando a existência de diversidades nas representações de velhice. Problematiza como os atravessamentos dos diferentes discursos, principalmente os visuais, mobilizam os olhares das crianças nas suas concepções sobre velhice e o ser velho. Nela procurei investigar como os olhares das crianças, participantes da pesquisa se produzem a partir das imagens de sujeitos velhos que circulam nos artefatos visuais e no cotidiano infantil, assim como entender se as crianças percebem modos de ser velho dentro de pluralidades como gênero, condições socioeconômicas, etapas cronológicas entre outros. Realizei encontros com crianças de cinco anos, frequentadoras do Jardim B de uma Escola Estadual de Porto Alegre. Utilizei a técnica de grupo focal, conversando com as crianças a partir da exibição de imagens. Os Estudos da Cultura Visual e da Experiência de Envelhecimento permitiram discutir a problemática de pesquisa, salientando a elaboração das crianças de uma categoria intermediária à velhice como forma de perceber tanto as experiências plurais de ser velho quanto de lidar com os estereótipos de uma velhice estigmatizada por marcas e fragilidades corporais.

Palavras-chaves: Estudos sobre envelhecimento. Cultura Visual. Infância

LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1: D.^a Benta / ano 1977, p. 14
- Fig. 2: D.^a Benta / ano 2001, p. 14
- Fig. 3: Livro receitas para crianças, p. 14
- Fig. 4: Avós nas capas dos livros infantis, p.15
- Fig. 5: Avós nas capas dos livros infantis, p.15
- Fig. 6: Famílias de bonecos pedagógicos, p.15
- Fig. 7: “Os Bons”, p.16
- Fig. 8: “Os Maus”, p.16
- Fig. 9: “As Bruxas”, p.16
- Fig. 10: “As Fadas”, p.16
- Fig. 11: A sete idades das mulheres - Hans Baldung / 1484-1545, p.18
- Fig. 12: The Dance ToThe Music of Time - Nicolas Poussin /1638, p.18
- Fig. 13: "Buena el Tiempo Irrevocable", Bruxelas, 1672, p.18
- Fig. 14: “Velhos Estudiosos e Sábios” / várias Rembrant 1626/1631, p.19
- Fig. 15: “Velhos Decrépitos e Ridículos” / várias Rembrant 1626/1631,p.19
- Fig. 16: Homens maduros/ jornal ZH 10/06/2011, p.19
- Fig. 17: Narrativa Visual / Homens marcados por sabedoria e seriedade, p.20
- Fig. 18: Propaganda Natura – Revista Cláudia / abril 2005, p.23
- Fig. 19: Propaganda vacinação Ministério da Saúde – ano 2005, p.23
- Fig. 20: Cartaz Campanha Assistencial ONG, p.23
- Fig. 21: Velhice poderosa e bela, p.24
- Fig. 22: Velhice frágil e dependente, p.24
- Fig. 23: Velhice rebelde e subversiva, p.24
- Fig. 24: Propaganda sandálias havaianas/ ano 2008, p.24
- Fig. 25: “Velhice e Morte nas Artes” - variados artistas
- Fig. 26: Cenas Curta Animado “The Last Knit”, p. 29
- Fig. 27: Acervo imagens digitais, p.38
- Fig. 28: Acervo imagens digitais, p.38

- Fig. 29: Acervo imagens digitais, p.38
- Fig. 30: Acervo imagens digitais, p.38
- Fig. 31: Produção das crianças – atividade recorte e colagem, p.40
- Fig. 32: Produção Breno – frente-verso, p.40
- Fig. 33: Produção Ricardo, p.41
- Fig. 34: “Jovens-velhos” / acervo imagens, p.42
- Fig. 35: “Jovens-velhos e frágeis” / acervo imagens, p.42
- Fig. 36: Acervo imagens, p.43
- Fig. 37: Acervo imagens digitais, p.44
- Fig. 38: Acervo imagens digitais, p.44
- Fig. 39: Acervo imagens digitais, p.45
- Fig. 40: Acervo imagens digitais, p.45
- Fig. 41: Acervo imagens digitais, p.45
- Fig. 42: Acervo imagens digitais, p.45
- Fig. 43: Produção Ricardo – atividade recorte e colagem, p.48
- Fig. 44: Acervo imagens digitais /Barbie Velha, p. 49

SUMÁRIO

1. E AGORA, ESTOU FICANDO VELHA!	9
2. AS IMAGENS COMO PRODUTORAS DOS MODOS DE SER	11
3. MODOS DE SER VELHO NO UNIVERSO INFANTIL	13
4. ENVELHECER: PROCESSO SOCIAL E CULTURAL EM EVIDÊNCIA	17
4.1 CONSTRUÇÕES DE VELHICE NAS IMAGENS	19
4.2 NOVAS E OUTRAS IMAGENS DE VELHICE	21
4.3 VELHICE: A IMAGEM DA MORTE	26
5. PROCURANDO A VELHICE ENTRE AS CRIANÇAS : TENDO IMAGENS E CONVERSAS COMO GUIA	27
6. TU É MÃE? TU É PAI? TU É AVÓ? : PRIMEIRAS DELIMITAÇÕES DO SER VELHO	28
6.1 ENQUANTO VOVÓ COZINHA, VOVÔ VAI TRABALHAR: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA VELHICE	33
6.2 “MINHA VÓ É UM POUQUINHO JOVEM UM POUQUINHO VELHA”: IMAGENS PLURAIS DE VELHICE	36
6.3 “POUCO JOVEM- POUCO VELHO”? VELHO? IDOSO? QUEM É VELHO AFINAL? : IMAGENS DA VELHICE ESTIGMATIZADA	43
6.4 “É FEIO CHAMAR DE VELHO, AÍ TU CHAMA IDOSO”: REPRODUZINDO VALORES E IMAGENS DE FEIÚRA	46
7. E AGORA, O QUE FICOU PARA PENSAR E OLHAR!	50
8. REFERÊNCIAS	52
ANEXO	54

1. E AGORA, ESTOU FICANDO VELHA!

Quando criança, lembro de olhar para as mãos de meus avós de forma curiosa e fascinada pela estranheza de suas aparências. As mãos do meu avô eram marcadas de pintas marrons que me lembravam manchas de chocolate. Uma das minhas avós tinha as mãos brancas, magras, com salientes veias azuis. Adorava beliscar suavemente aquelas mãos e sentir a pele murcha, áspera e sem elasticidade. Mãos engraçadas e curiosas tão diferentes das minhas.

Hoje, ao olhar para minhas mãos, percebo indícios, pequenas marcas, texturas e cores que se assemelham àqueles corpos velhos que habitaram minha infância. Hoje vejo e percebo que essas semelhanças trazem em si fatores relacionados a conceitos de beleza, decrepitude de corpo e mente e a maneira como olhamos culturalmente o corpo velho. Ao ver a transformação de minhas mãos, fico espantada, pois procuro no tempo um ponto determinado de quando comecei a envelhecer. Que outras marcas corporais, indícios, evidências de velhice me esperam no caminho a seguir? Será que eles me dirão quem eu sou ou serei?

Ao iniciar o curso de Pedagogia em 2007, minha idade era superior a maioria de meus colegas. Na verdade, deveria ter mais que o dobro de alguns deles. Estava inserida em turmas com jovens de dezesseis-dezesete anos, que me faziam pensar nas diferenças visíveis – aparência do corpo, modos de vestir, posturas e comportamentos - e invisíveis – maneiras de sentir e pensar. Essas diferenças escancaradas produziram incertezas e questões. Será que com a minha idade, eu poderia recomeçar uma nova vida profissional? Será que era possível romper as barreiras cronológicas, sociais e culturais, que estabelecem normas e diretrizes para o momento “adequado”, “normal” e “natural” de se aprender, de estudar, de se profissionalizar, enfim, de recomeçar?

Durante o curso, em uma das minhas mini-práticas docentes, deparei-me com a fala de uma criança que me alertou sobre as certas concepções de velhice circulantes nos espaços sociais. Durante o recreio, fui agraciada por uma das minhas alunas com um elogio que me despertou – além de uma corrida ao espelho – outros questionamentos sobre o envelhecimento e as significações que as crianças fazem sobre o corpo velho. A criança foi gentil e dócil, porém direta e franca: *Profi, tu é velha, mas é bonita!*

Apesar de saber que estou envelhecendo, não me ocorreu pensar que ao processo de envelhecimento, aglomera-se um processo de “enfeiar”, porém percebo o quão distante o corpo velho encontra-se dos valores estéticos formulados nos conceitos de beleza aos quais assistimos todos os dias, sendo expostos nas propagandas, filmes, revistas e demais meios visuais.

A partir daquele instante as inquietudes me provocaram a investigar que olhar é esse que as crianças lançam para a velhice? Como e a partir do que, aquela criança estabeleceu a relação entre velho e feio? Só ao ler Lya Luft (2004, p.127) senti algo que paira no ar, mas nem sempre solidificamos, ou seja, as relações tecidas e os discursos que ouvimos desde a infância sobre a velhice:

Já na infância nos preveniam de que algo adiante, algo mau nos esperava:
‘Quando tiver a minha idade, você vai ver’, diziam mães, tias, avós.
‘Aproveite agora que é criança, quando crescer acaba a festa’, aconselhavam com laivos de despeito.
‘Estou muito velha pra essas coisas’, protestavam na hora de se divertir ou alegrar.
Existir no tempo nos foi mostrado como uma corrida infausta: cada dia uma perda, cada ano um atraso. Quem não teve seus momentos de querer nunca crescer para não enfrentar aquelas vagas ameaças?

Nas inquietudes plantadas, produziram-se os questionamentos: De que forma as imagens de velhice e do ser velho tem sido apresentadas a partir de diferentes contextos (históricos, culturais e sociais) e diversificados meios (midiáticos, publicitários, familiar, entre outros)? Considerando a diversidade nas representações de velhice, como os atravessamentos dos diferentes discursos, principalmente os visuais, mobilizam os olhares das crianças nas suas representações de velhice e do sujeito velho?

A partir dessas questões produzidas, inicio este estudo, apresentando as relações entre as imagens e os dos modos de nos constituirmos, assim como o papel que as imagens desempenham nas relações entre os sujeitos e nas interpretações de mundo. A seguir, discuto como as imagens de velhice e do sujeito velho são apresentadas no cotidiano infantil de forma a produzir olhares das crianças. Dentro do capítulo três, abordo a constituição da velhice como categoria social construída, na qual se instituem experiências e imagens plurais do sujeito velho, produzidas a partir de contextos temporais, sociais e culturais distintos. No quarto capítulo, explico de que forma foram realizados os encontros e exponho minhas estratégias metodológicas. O corpo principal da pesquisa na forma das análises tecidas é discutido no capítulo cinco. Por último, esboço algumas percepções e reflexões articuladas dentro dessa experiência de encontrar as representações de velhice mobilizadas nos olhares das crianças.

2. AS IMAGENS COMO PRODUTORAS DOS MODOS DE SER

Antes de discutir a produção das imagens de velhice e do sujeito velho e as representações que nelas estão inscritas, é necessário expor minhas crenças ou meus referenciais sobre a atuação da imagem na construção de modos de ser, na elaboração de referenciais e nas relações que se operam entre os sujeitos e o mundo.

Se duas pessoas olharem para uma mesma imagem, não terão a mesma percepção sobre aquilo que estão vendo, assim como os significados atribuídos também não serão os mesmos. A experiência visual de cada um sofre múltiplos e diferentes atravessamentos, derivados das experiências individuais e dos contextos temporais, sociais e culturais.

Ainda atreladas às imagens, devemos reconhecer que essas assumem a condição de realidade e, consecutivamente, de verdade. Porém, isso não é uma verdade! As imagens capturam fragmentos de realidade e instituem determinadas visões do que seja a “realidade”, ou seja, as imagens geram realidades. Conforme Silva (1999, p.59): “A representação está estreitamente associada ao olhar, à visão”. Contudo é preciso salientar que esse olhar não é um simples olhar. Nossos olhares estão construídos culturalmente, produzindo visualidades, definição gerada a partir dos Estudos da Cultura Visual, como aponta Cunha (2005):

Muitos estudiosos da Cultura Visual como Chris Jenks(1995), Nicholas Mirzoeff(1999), Gillian Rose(2001) e Jonh Walker e Sarah Chaplin(2002:42) distinguem a visão, como possibilidades fisiológicas dos olhos e a visualidade como construção cultural dos nossos olhares. “Assim, postulam que os significados sobre o mundo também são criados e negociados através das imagens visuais veiculadas pelos diferentes tipos de tecnologias visuais [...]

As imagens não são apenas ilustrações de livros, muletas para textos ou um conjunto de figuras no desenho animado preferido. Elas se tornam narrativas de situações e acontecimentos, logo, podem ser entendidas como linguagem perceptiva, utilizada para interpretarmos o mundo no qual vivemos. Aliadas ao cargo de interpretação de mundo, as imagens também produzem esse mesmo mundo. Para Manguel (2001, p.33) “[...] o código que nos habilita a ler uma imagem, conquanto impregnado por nossos conhecimentos anteriores, é criado após a imagem se constituir – de um modo muito semelhante àquele com que criamos ou imaginamos significados para o mundo à nossa volta [...]”. O autor anuncia que, para entendermos a força narrativa inserida na imagem utilizamos um “amplo espectro de circunstâncias” atreladas às experiências individuais e sociais.

Desde o final do século XX, o surgimento de novas tecnologias - máquinas digitais, filmadoras, celulares, entre tantas outras - e o acelerado desenvolvimento nos meios de comunicação - número maior de canais de TV, internet, blogs, e-mails e outros - têm oportunizado acesso fácil e rápido, assim como a produção e veiculação de um número assombroso de imagens que ocupam nosso cotidiano.

Essa profusão de imagens passa a instituir outras e novas formas de nos relacionarmos com o mundo visual. De tal forma, considera Mirzoeff (2003, p.17-23) que “[...] no presente a experiência humana é mais visual e está mais visualizada que antes [...]”. O autor também aborda que “a habilidade de absorver e interpretar a informação visual é a base da sociedade industrial, e a era da informação está adquirindo ainda uma maior importância.”.

Nossa relação com as imagens torna-se mais estreita à medida que não somos mais apenas consumidores de imagens geradas pela arte, pela publicidade, pelos programas de TV e demais formas e meios. Fomos alçados, também, a produtores de imagens. Ao apropriarmos de uma imagem específica, estamos não apenas consumindo-a, mas constituindo repertórios imagéticos que poderão originar referenciais nos modos de ser e estar no mundo. Conforme Cunha (2007, p.113): “Nossas coleções de imagens ficam preservadas cuidadosamente em nosso imaginário e passam a ser um dos referentes para entendermos o mundo, seja pela insistência de seus significados inscritos culturalmente e outros que atribuímos a elas.”.

Os Estudos da Cultura Visual têm apresentado subsídios para entendermos as relações entre as imagens e os modos como nos posicionamos a partir delas, pois no entendimento de Mirzoeff (2003, p.21) “a cultura visual é uma disciplina tática e não acadêmica. É uma estrutura interpretativa fluída, centrada na compreensão da resposta dos indivíduos e dos grupos aos meios visuais de comunicação.”

Sendo assim, utilizando as premissas dos Estudos da Cultura Visual, observo que as mediações entre as imagens e os sujeitos geram significados e sentidos que operam para a fixação de valores, gostos, preferências, referências, entre outros fatores.

3. MODOS DE SER VELHO NO UNIVERSO INFANTIL

As crianças não se encontram alheias as interferências das imagens nas suas concepções de mundo. Há no universo infantil uma infinidade de imagens direcionadas às crianças, oriundas de diversificados meios midiáticos, tais como, programas de TV, publicidade, desenhos animados, livros, revistas infantis e muitos outros, que provocam os modos de ver das crianças. Porém não são apenas as imagens circulantes do cotidiano infantil que formulam os olhares das crianças. Elas não vivem protegidas em redomas de vidro nas quais não são visíveis outras imagens, de forma que as crianças estão expostas tanto a outras culturas, que não as da infância, como a outras imagens que não as infantis. Sarmento (2007, p.23) apresenta que as culturas da infância se elaboram a partir de “representações de mundo feitas pelas crianças em interação com as representações ‘adultas’ dominantes”, assim sendo, percebe-se que as crianças não são incólumes ou protegidas da cultura de modo geral e das imagens que nela se produzem.

A cultura é fator ativo na produção das maneiras de pensar, agir e ver. As crianças à medida que vão se inserindo no mundo, produzem relações que formatam seus olhares, como apresenta Berger (1999, p.11) os modos de ver estão amalgamados pelas relações tecidas dentro de um contexto: Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos. Nossa visão está continuamente ativa, [...] constituindo aquilo presente para nós do modo como estamos situados.

À medida que as crianças vão compreendendo o mundo imagetivamente, consumindo imagens ao mesmo tempo em que as produzem - desenhos, pinturas, colagens, brincadeiras de faz-de-conta, entre outras ações – começam a compreender os processos explicativos e representativos nos quais as imagens operam. Logo, as crianças estabelecem relações com as imagens e a constituição de seus imaginários. Os apontamentos de Cunha (2005, p.209) sobre autores analisados, “referem-se ao quanto os imaginários infantis estão sendo mediados e formulados pelas diversas produções culturais [...]”. A autora, assim como outros autores elencados por ela, apresenta teoricamente a relevância desse fato, dando voz ao que observamos na prática. Cada dia mais, é perceptível as crianças referenciarem, em seus cotidianos, uma série de imagens fornecidas pela televisão, pelas propagandas, pela internet, pelos livros e demais meios e mídias.

Essas imagens e artefatos atuam diretamente nas suas concepções de mundo e de sociedade. Na compreensão de Cunha (2005, p.31) da qual me aproprio e comungo:

[...] os artefatos e as imagens cumprem a função de re, apresentar, nomear, situar, identificar, etiquetar e traduzir tanto os sujeitos quanto os grupos sociais para outros grupos. Muito mais do que representar os sujeitos e os grupos, os artefatos e imagens instituem os modos de vermos os outros e de nos relacionarmos com o mundo.

Ao considerar o papel dos artefatos visuais e as relações que propiciam, é importante entender como as imagens que veiculam nos artefatos visuais, direcionados às crianças, têm sido apresentados e mobilizado seus olhares, conseqüentemente, suas representações de velhice e do sujeito velho.

A entrada do sujeito velho no universo infantil se dá, muitas vezes a partir das relações que as crianças têm com seus avós. Esse fato não chega a ser uma regra, pois na concepção contemporânea há variados arranjos de família, que podem não contemplar essas conformações. Porém Ramos (2009, p.161) salienta que “o aumento da expectativa de vida, o número de família com três, quatro ou cinco gerações também aumentou. Essa situação tem ocasionado uma maior integração dos idosos na rede familiar”. Santos (2003, p.48) faz alusão de algo que considero muito importante nas relações tecidas ao pensarmos em velhice e na imagem do sujeito velho, pois “[...] quando pensamos em velhice, o que nos vem à memória são os velhos que trazemos dentro de nós desde a tenra idade, nossos avós, avós de nossos amigos de infância, aquele velhinho que morava em nossa rua ou que era dono do bar da esquina. São os avós são tão importantes para as referências imagéticas de velhice e do sujeito velho, como e onde elas estão presentes no universo infantil? A literatura infantil tem sido uma fornecedora efetiva de imagens de velhice por meio de personagens de avôs e avós.

A mais icônica entre elas, talvez, seja a personagem de D.^a Benta criada por Monteiro Lobato e uma das protagonistas de varias obras referentes ao Sítio do Pica-Pau Amarelo, desse autor. Além dos livros, as adaptações para TV¹ dessa obra ampliaram sua veiculação entre as crianças. A TV é grande produtora e transmissora de imagens, assim como construtora de repertórios, modelos e referências quanto aos modos de ser dos sujeitos.

¹ A primeira adaptação foi em 1952 pela TV Tupi, porém a mais lembrada e conhecida foi a adaptação da TV Globo iniciada no ano de 1977.



FIGURA 1: D.^a Benta/1977



FIGURA 2 : D.^a Benta/ 2001



FIGURA 3: livro receitas

As versões da TV Globo, além de permanecerem por um longo período no ar, e receber desdobramentos como DVDs, tiveram um significativo intervalo de tempo entre as duas produções. A primeira foi do ano de 1977 a 1986 e a segunda² nos anos de 2001 a 2007. Durante esses períodos, várias atrizes representaram esse papel e a imagem de D.^a Benta recebia algumas sutis transformações. Porém, a partir das imagens mostradas na Fig. 1 e 2, é perceptível que algumas marcas corporais, como o arranjo do cabelo, os óculos e a maneira recatada de se vestir, mantiveram-se similares apesar do espaço temporal de mais de duas décadas. Essas marcas, ao serem mantidas, reafirmam e fixam atributos específicos aos corpos dos sujeitos velhos e consequentemente a suas imagens.

A corporação Globo investiu em outros artefatos para as crianças como livros de receitas para crianças (Fig.3), revistas pedagógicas, álbum de figurinhas e outros, nos quais exploram e apresentam a personagem de D.^a Benta da mesma maneira e com os mesmos atributos associados à velhice. As três figuras apresentam uma representação da mulher velha de forma homogênea, na qual não estão consideradas outras formas de se vestir ou arrumar o cabelo. Esse não é um pequeno detalhe, pois, em 2007, ano da última versão do programa, quantas idosas é possível ver com esse arranjo de cabelo?

É o indefectível coque, a marca mais utilizada para representar as “vovozinhas” nos meios midiáticos como apresentam Bonin e Silveira (2010, p.6), em sua pesquisa sobre as representações de ser velha na literatura infantil: “[...] o marcador corporal mais constante das mulheres velhas nas obras analisadas é, sem dúvida, o cabelo branco ou grisalho, preso em forma de coque.”. As autoras sinalizam ainda para a existência constante de aspectos de aparência veiculados nas descrições verbais e nas ilustrações das obras analisadas.

² Essa segunda adaptação ainda é veiculada nos canais de TV Futura e Viva.

Ao realizar pesquisa, pela internet em sites de livrarias, contendo o termo vovó e vovô, a maioria das capas de livros apresentada reforça a imagem da velha de óculos e coque (Fig.4). Nas imagens de avô (Fig.5) também são encontradas recorrências de certos atributos como bigode e calvície. Na recorrência e predominância de imagens para rerepresentar como um sujeito se veste, se penteia, se locomove, e muitos outros fatores, vão produzindo-se discursos visuais que homogeneízam modos de ser, como discute Cunha (2005, p. 122) “[...] os discursos produzidos em torno de determinadas imagens tornam-se hegemônicos em relação a outros. Além de estabelecer significados fixos, os regimes de verdade elaboram modalidades nas formas pelas quais nos relacionamos com as diversas produções artísticas.”.

Os brinquedos infantis e, mais precisamente os bonecos, com características de velhos e velhas são confeccionados para fazer parte de arranjos familiares, considerados como “bonecos pedagógicos”. Pela internet foi possível encontrar variados sites de venda desses bonecos cujas imagens mostraram-se idênticas às imagens das capas dos livros infantis, as avós/velhas com os mesmos arranjos de cabelo e os avôs/ velhos, revelando suas pronunciadas calvície.

FIGURA 6: famílias de bonecos pedagógicos



FIGURA 4: Avós nas capas livros Infantis

FIGURA 5: Avós nas capas livros infantis

A regularidade ou a recorrência de certos atributos produz um movimento de estereotipia nas imagens vinculadas tanto aos avós quanto aos sujeitos velhos, facilitando que se fixem determinadas maneiras para a representação do ser velho. Para Silva (1999) o estereótipo é percebido como uma forma de representação que vai além de uma imagem falsa, imprecisa ou distorcida da realidade, porém que sofre um processo de simplificação e generalização.

Para o autor, o estereótipo carrega em si um núcleo “real”, porém, ao receber transformações, simplificações, homogeneizações, amplifica seu efeito de realidade. Conforme Silva (1999, p.51) no “estereótipo a complexidade do outro é reduzida a um conjunto mínimo de signos: apenas o mínimo necessário para lidar com a presença do outro sem ter de se envolver com o custoso e doloroso processo de lidar com as nuances, as sutilezas e as profundidades de alteridade.”.

Nos desenhos e filmes animados produzidos para o público infantil, o sujeito velho também é apresentado com características corporais específicas e associadas ao envelhecimento do corpo. Ainda é importante salientar que o número de personagens velhos nesses artefatos visuais é bastante reduzido, e são posicionados dentro de dicotomias como bom e mau / bruxas e fadas/ bonito e feio.



FIGURA 7: “Os bons”



FIGURA 8: “Os Maus”



FIGURA 9: As Bruxas



FIGURA 10: As Fadas

4. ENVELHECER: PROCESSO SOCIAL E CULTURAL EM EVIDÊNCIA

Quantas vezes ouvimos a expressão “a vida passa num segundo”? A passagem do tempo faz as engrenagens das transformações movimentarem-se, num movimento, por vezes tão imperceptível, que nos faz achar que um dia adormecemos criança, noutra amanhecemos velhos. O corpo e a psiquê humana modificam-se desde o momento do nascimento até o dia da morte. O processo de envelhecimento começa quando nascemos. As transformações físicas e mentais assim como comportamentais e sociais são fluxos que não podem ser contidos e

possuem um único desfecho. Então, como definir a velhice? Como podemos considerar que um sujeito é velho?

Considero que esse processo não possa ser qualificado de forma tão simples e rápida como se cumpríssemos um calendário biológico já esperado, tendo dias contados para viver a infância, a adolescência, a vida adulta e por fim a velhice. Pesquisadores e teóricos como Jean Piaget (1950) e Erik Erikson (1940) dedicaram seus estudos para compreender os estágios do desenvolvimento humano, explicando-os e segmentando-os em fases e etapas definidas por faixas etárias/geracionais e características específicas.

Essa organização estanque da vida, repartida em blocos etários, tem sido desconstruída por teorias pós-estruturalistas que rejeitam os sujeitos como monolíticos e universais, para então compreendê-los a partir de pluralidades e singularidades advindas do atravessamento da cultura. As teorias pós-estruturalistas apontam para a produção de sujeitos múltiplos baseados em processos dinâmicos, voláteis e simultâneos, os quais se antagonizam com rótulos e enquadramentos etários, sociais, raciais, generificados, entre outros.

É dentro da multiplicidade e da heterogeneidade de experiências produzidas culturalmente que o processo de envelhecer, assim como a velhice, necessitam ser olhados, pois a velhice não é única e singular, assim como não é a infância e a juventude. De acordo com Gusmão (2003, p.18):

Viver a vida consiste, assim, desde que se nasce, num 'trabalho' que constrói a criança, o adulto, o velho, não como 'seres' dotados de 'natureza', mas produto e produtores de experiências. Tais experiências decorrem da heterogeneidade social e cultural e são uma construção tanto individual como coletiva, já que o individual só existe quando reconhecido e partilhado pelos outros.

Novos e outros olhares têm sido lançados para o envelhecimento, de forma a compreender a velhice como uma categoria cultural construída, na qual o sujeito velho não é mais revestido por experiências homogêneas, mas sim por formas plurais de ser velho. Resta saber se as imagens atuais de velhice e do sujeito correspondem a essas novas articulações.

4.1 CONSTRUÇÕES DE VELHICE NAS IMAGENS

Se na atualidade, e considerando as teorias pós-estruturalistas, podemos entender os sujeitos pelas multiplicidades e diversidades, definidas a partir de práticas culturais e de significação (SILVA, 2010), nos períodos históricos pré-modernos – séculos XV a XIX - as fronteiras entre as identidades dos sujeitos, principalmente, as etárias mostravam-se pouco definidas, pois como salienta Áries (2006), a noção de idade era um conceito abstrato para o homem comum, limitando-se a um patamar de categoria científica, de forma que não se configurava como um elemento importante na definição do status individual e social dos sujeitos.

Terminologias condicionadas às transformações biológicas e as funções sociais como “infância e puerilidade, adolescência e juventude, velhice e senilidade” (2006, p.4) eram utilizadas para marcar as “idades da vida” e definiam os períodos característicos de cada idade, passando a fazer parte da experiência comum. A periodização da vida como afirma Áries

(2006, p.10) “tinha a mesma fixidez que o ciclo da natureza ou da organização da sociedade”.

A partir de Áries (2006) foi possível encontrar imagens de velhice produzidas em cenários históricos específicos. Ariès (2006, p. 9) registra em sua obra a existência de iconografias (século XIV em diante) que representavam as “idades da vida”. As imagens “retratavam pessoas que representavam as idades justapostas do nascimento até a morte”. Conforme o autor, cada idade era associada não apenas às mudanças biológicas, mas também às funções sociais.



FIGURA 11: A sete idades das mulheres - Hans Baldung / 1484-1545

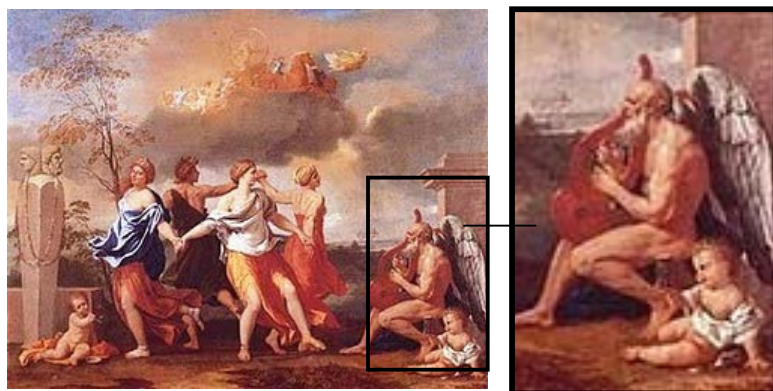


FIGURA 12: The Dance To The Music of Time - Nicolas Poussin /1638



FIGURA 13: "Buena el Tiempo Irrevocable", Bruxelas, 1672

A fase da velhice, na descrição de Áries (2006, p.9), era apresentada como “[...] as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante da escrivaninha, perto da lareira.”. Concepções imagéticas distintas para a velhice dentro de diferentes tempos também são apresentadas por Áries (2006, p.16). Conforme o autor, entre os séculos XVI e XVII, a velhice é representada na imagem do sujeito ora decrépito ora ridículo, expondo um tom claramente pejorativo. No século XVIII aparecem as relações com a experiência e a sabedoria. Os anciões geralmente são retratados como homens estudiosos, já instigando a produção da imagem do velho, no século XIX, como “o ancião respeitável, o ancestral de cabelos de prata” que ao longo desse século foi sendo substituído pelo ‘homem de certa idade’ e por ‘senhores e senhoras muito bem conservadas’”.

Ao fazer esse resgate histórico sobre as “idades da vida”, tenho a intenção de reforçar a relação entre contextos culturais e temporais e o que atribuímos aos modos de ser velho. Algumas dessas imagens geradas nesses contextos continuam a vigorar nos imaginários individuais e coletivos, produzindo naturalizações de certos modos de ser velho.

A partir das descrições de Áries (2006) percebi que há enaltecimento ao homem velho - enquanto que a mulher nem sequer é referenciada - ao lhe adjetivar com sábio, experiente e posicionado socialmente. Se formos observar, hoje em dia ainda é possível identificar certos sentidos comuns traduzidos em comentários recorrentes como “o homem não envelhece, fica maduro.” ou “quando o homem envelhece fica mais charmoso”. A mídia colabora para a naturalização desses conceitos como mostra a reportagem do jornal Zero Hora (10/06/2011) ao enfatizar pelas imagens (Fig.14) e texto que: “Maduros, eles esbanjam charme e seguem agradando ao público.”



FIGURA 14: “Velhos Estudiosos e Sábios” / várias Rembrandt 1626/1631



FIGURA 15: “Velhos Decrépitos e Ridículos” / várias Rembrandt 1626/1631



FIGURA 16: Homens maduros/ jornal ZH 10/06/2011

4.2 NOVAS E OUTRAS IMAGENS DE VELHICE

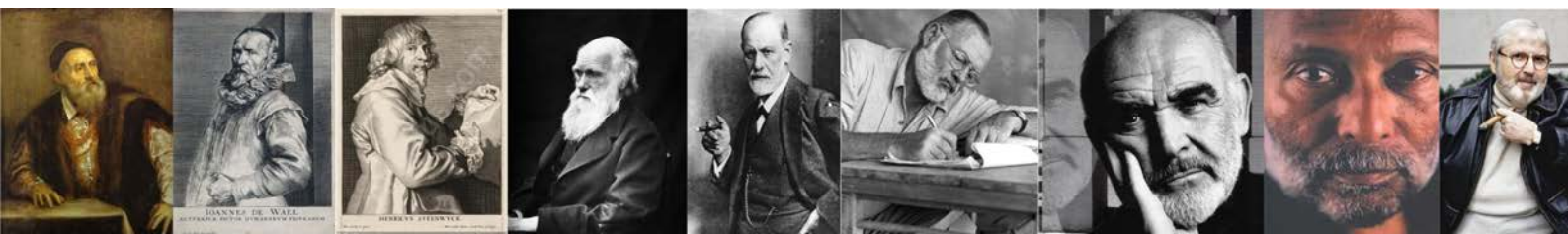


FIGURA 17: Narrativa Visual / Homens marcados por sabedoria e seriedade.

Em vários contextos históricos e ainda na segunda década do século XXI, vemos algumas representações da velhice explicitadas por marcadores como homens de barba e cabelos brancos. Tais marcadores nas representações nos fazem ver que se formulam associações entre a velhice e certos atributos físicos e comportamentais, de forma a relacionarmos o homem velho às concepções de seriedade, inteligência, responsabilidade, credibilidade entre outras. Essas concepções atreladas às imagens, ao tornarem-se recorrentes, colaboram para a fixação de determinadas formas de velhice e para a elaboração de repertórios imagéticos sobre o sujeito velho e a condição da velhice. É importante salientar - mesmo que não seja intenção aprofundar nessa temática - que as iconografias descritas por Ariès, nas demarcações de velhice, não mencionam as mulheres velhas e nem mesmo como essas eram retratadas. Há nesse fato, uma relação de poder envolta nas questões de gênero que revelam na ausência de imagens do feminino, invisibilidades e desvalorização em relação ao masculino.

A modernidade, período de transformações do pensamento ocidental e das estruturas políticas, econômicas e sociais determinaram nova forma de organização para os estágios da vida, estabelecendo etapas bem definidas e separadas, sendo a idade cronológica o parâmetro organizacional dessas etapas. Como afirma Debert (1997, p.122) a “cronologização da vida” define os estágios etários a partir de transformações de ordem econômica e social que condicionam infância e juventude, vida adulta e velhice aos processos, respectivamente, de escolarização, entrada no mercado de trabalho, vida profissional e aposentadoria.

A infância, após ter sua história revisitada por diversos estudiosos, entre eles Ariès passou a ser compreendida como uma categoria construída dentro de diversidades de contextos históricos, sociais e culturais. Para Ariès (2006) a infância começa a ser diferenciada da vida adulta somente a partir do século XIII, ressaltando formas distintas nos modos de ser quanto a vestimentas, comportamentos, pensamentos, entre tantos outros fatores. Também, a psicologia, com outros referenciais e estudiosos, como Piaget (1954), definiu a infância a

partir diferenças nas etapas de desenvolvimento mental e cognitivo que acompanham o amadurecimento do corpo infantil.

Da mesma forma, a partir dos anos 60, conforme Debert (2004) a velhice tem sido desvinculada de ser apenas uma das etapas de vida e passa a ser analisada como uma construção social, assim como a infância, atrelada a processos biológicos, porém não mais limitada cronologicamente e isenta de singularidades. A velhice antes de mais nada é um processo individual que fornece experiências heterogêneas que precisam ser consideradas dentro de contextos tais como etnicidade, classe social, gênero, entre outros.

A experiência contemporânea, na análise de Debert (1997) produziu novas imagens para a velhice, liberando-a de ser um estágio uniforme, para mostrar que não há uma única velhice, mas, sim, um processo com várias etapas marcadas pela heterogeneidade de experiências individuais e coletivas. Sobre a velhice não recai apenas olhares de foco histórico, porém temos uma abrangência de várias áreas do conhecimento que se debruçam sobre esse tema e fornecem seus próprios discursos, tais como a gerontologia, a sociologia, a antropologia, entre outros.

Não é objetivo deste trabalho dar conta dos discursos produzidos nas diferentes área de conhecimento, mas entendê-los como produtores e atravessadores na produção de imagens do ser velho.

Debert (2004), apresenta um panorama histórico sobre o processo de envelhecimento ao longo do século XX, abordando vários estudos teóricos³ para analisar a dissolução da velhice como processo homogêneo. A autora discute que o surgimento de novas percepções na experiência de velhice produz como resultado dois tipos de reação, que embora sejam contraditórias, devem ser consideradas na reflexão sobre a temática. Essas reações mostram-se importantes, à medida que proporcionam outras e diferentes matizes sobre as representações de velhice.

A primeira reação apresenta a velhice como um problema em si, sobrepondo-se às interferências de diferenças socioeconômicas e étnicas na experiência do envelhecimento. Porém crítica e discute a definição da categoria “velhos” ser formada por indivíduos com 60 anos ou mais, não dando conta das diversidades existentes, de forma que propõe “novos recortes em estágios de envelhecimento com base na idade e no nível de independência funcional dos idosos.”(DEBERT, 2004, p.61). Os recortes formam grupos etários definidos como “jovens idosos” (65-75 anos), “idosos-idosos” (acima de 75 anos) ou ainda “idosos mais ido-

³ A autora utiliza como base os estudos produzidos sobre o tema nos Estados Unidos e na Europa.

tos” (com mais de 85 anos). Cada uma dessas definições apresentam características significativas e específicas com a função de marcar as diversidades existentes em cada grupo.

Debert (2004, p.63) apresenta a segunda reação em antagonismo à primeira, de forma a criticar a cronologia como marcador significativo da velhice. Essa reação também se afirma de modo a “denunciar a forma como a sociologia tem alimentado estereótipos de velhice como um período de retraimento em faces da doença e da pobreza” assim como a “visão do idoso como ser doente, isolado, abandonado pela família e alimentado pelo Estado”. Os defensores dessa reação percebem a velhice como um “processo de contínua reconstrução”.

A partir da definição da velhice como categoria social, sua importância e legitimidade acarretam definições sociais e políticas. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 1982, através da Resolução 39/125⁴, durante a Primeira Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, estabelece definições para o sujeito idoso que difere para países desenvolvidos e para países em desenvolvimento. Nos primeiros, são considerados idosos os seres humanos com 65 anos e mais; nos segundos, são idosos aqueles com 60 anos e mais. No Brasil, é considerado idoso quem tem 60 anos e mais.

Independente das críticas e das consequências de cada reação, comentada por Debert, ou da fixação de idade para o começo da velhice, estipulada pela ONU, o meu interesse nos recortes em estágios do envelhecimento está em trazer à discussão a existência de diferentes imagens de velhice para dar conta tanto da pluralidade etária quanto dos modos heterogêneos de ver e representar a velhice.

Torna-se claro que um sujeito de sessenta anos terá outras necessidades, envolvimentos, funcionalidades, marcas corporais, entre outros fatores, diferentes de um sujeito de 80 anos. Dessa forma, as representações de velhice deveriam mostrar essa condição de diversidade, ao invés de fixar estereótipos agregadas a modos homogêneos de conceber um sujeito velho, como se houvesse uma única e determinada forma de ser velho que passa a ser naturalizada e predominante dentro dos meios sociais e culturais e dos imaginários individuais e coletivos.

Para demonstrar a relação das imagens de velhice com os recortes atuais dos estágios de envelhecimento e suas concepções heterogêneas, realizei levantamento de imagens de algumas campanhas publicitárias direcionadas para a velhice, em meios midiáticos como revistas, jornais, *outdoors* e *sites*.

⁴ Dados retirados do site <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acervo/artieop/Geral/artigo15.htm>

Em três anúncios levantados, percebi que aos velhos representados são atribuídas características corporais e demandas diferenciadas, ou seja, cada imagem retrata um modo de ser velho conforme suas necessidades e seus desejos de consumo.

Enquanto no primeiro anúncio (Fig.18) é mostrada uma mulher de cabelos escuros, maquiada, com algumas rugas, na outra propaganda (Fig.19), revela-se sujeitos “mais velhos” caracterizados pelos cabelos brancos e pelo uso de óculos. As imagens veiculadas nos anúncios definem públicos-alvos distintos. Se no primeiro há uma associação clara com a beleza, a sensualidade, e consequentemente se pressupõe uma vida sexual ativa, no segundo anúncio, os velhos são definidos com marcas mais acentuadas de velhice e necessitam consumir cuidados com o corpo vinculados à saúde.

Diferente das propagandas anteriores, a imagem do velho mostrada no cartaz de uma campanha assistencial (Fig.20) evidencia outra representação de velhice, na qual perpassam as concepções de abandono, isolamento e decrepitude. Essa velhice não necessita de beleza e nem de saúde, mas, sim, ser ajudada e tutelada por alguma instituição ou grupo social.

As imagens do sujeito velho e da velhice produzidas pela mídia publicitária colaboram para a delimitação de formas de velhice e consequentemente de produções específicas de aparências nesses corpos. São aspectos que abordam a solidão, a procura e a manutenção da juventude e saúde e traduzem vontades, desejos e valores inscritos na sociedade e na cultura. Conforme Kellner (2001, p.318) “[...] as imagens da cultura da mídia são importantes tanto pelo modo como são construídas e tratadas formalmente quanto pelos significados e valores que transmitem. Mais adiante o autor ainda argumenta que as “imagens simbólicas na propaganda tentam criar associações entre produtos oferecidos e certas características socialmente desejáveis e significativas, a fim de produzir a impressão de que é possível vir a ser o certo tipo de pessoa [...]”.

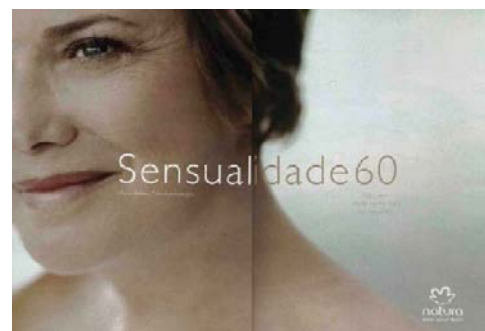


FIGURA 18: Propaganda Natura – Revista Cláudia / abril 2005



FIGURA 19: Propaganda vacinação Ministério da Saúde – ano 2005



FIGURA 20: cartaz Campanha Assistencial ONG

Porém Debert (2003) aponta que, em sua pesquisa sobre o indivíduo velho na publicidade, até as décadas anteriores a 1970, as imagens de velhice estavam fortemente ligadas a estereótipos de dependência física e afetiva, de insegurança e de isolamento, assim como evidenciavam características como teimosia, tolice e impertinência exploradas em programas humorísticos. A partir de 1980, é possível encontrar imagens de associação mais positiva “passando a simbolizar o poder, a riqueza, a perspicácia, o prestígio social.

As concepções de Debert (2003) apontam para os diversos significados expostos pelas personagens idosas nas propagandas, mas evidenciam três imagens de velhice bastante características, que se resumem em três aspectos: perda de habilidades, dependência, passividade, arrogância; poder, atividade, beleza, riqueza e prestígio; e por último subversão de padrões tradicionais, rebeldia, e contestação.

Apesar dessas novas representações, ainda se evidenciam complexidades e paradoxos nas imagens do sujeito velho, pois nelas é possível ver mais de um discurso visual incorporado, como é o caso da propaganda das sandálias havaianas. Nessa peça publicitária, veiculada⁵ na TV, no último trimestre de 2009, é apresentada uma avó conversando com sua neta em um restaurante. Na conversa travada, a avó incentiva a neta a fazer sexo sem o compromisso do casamento. A posição e o comportamento liberal apresentados pela personagem diferem das concepções de postura dos sujeitos velhos, sendo essa a intenção da propaganda em si, mostrar um produto antigo (velho) que pode ser transformado, ajustado, modernizado para



FIGURA 21: Velhice poderosa e bela



FIGURA 22: Velhice frágil e dependente



FIGURA 23: Velhice rebelde e subversiva



FIGURA 24: Propaganda sandálias havaianas/ 2008

⁵ Esse anúncio publicitário teve uma curta vida, pois a propaganda foi retirada do ar depois de várias reclamações de telespectadores e da abertura de um processo no Conar (Conselho de Autorregulação Publicitária)

novas concepções. Porém, se a idosa tenta repassar essa ideia a partir de seu comportamento, sua imagem a denuncia de volta ao tradicional e ao conservadorismo, pois a maneira como se encontra vestida, evidencia a imagem circulante e “típica” de uma velha avó, vestida sobriamente de *tailleur*, adornada por um clássico colar de pérolas e acompanhada pelos indefectíveis cabelos curtos e brancos. Em relação a esse novo paradigma comportamental na pesquisa de Debert (2003, p.136) é comentado:

[...] um outro conjunto de significados acionados pelos velhos na propaganda, que remete à valorização de práticas inovadoras e subversivas de valores tradicionais, especialmente no que diz respeito à vida familiar, à sexualidade e ao uso de novas tecnologias. Nesses casos, o personagem velho parece competir com o que, até muito recentemente, era visto como papéis e posições exclusivamente adequadas ao jovem.

A velhice não tem sido colocada de lado pelo mercado de consumo. Os sujeitos velhos estão se apresentando como fonte de consumo de alguns produtos que se agregam aos ideais de saúde e manutenção de corpos. Vivendo em um mundo no qual a idade é um fator importante de organização social, devemos ter em mente que hierarquizações são geradas nessa disposição. Alguns períodos etários assumem posições de maior valor em relação a outras dentro da cultura ocidental e contemporânea, mesmo que visões pluralistas sejam apregoadas.

Ser jovem, ter o corpo valorado por essa juventude e uma vida produtiva ativa são características estimadas e idealizadas, enquanto seu oposto, o ser velho, está evidenciado pela degeneração do corpo, a impossibilidade de novas posturas e uma vida considerada improdutiva na aposentadoria. A imagem do sujeito velho quando desvalorizada em relação ao jovem, reveste-se de cores sombrias e negativas que contribuem para a estigmatização da velhice.

4.3 VELHICE: A IMAGEM DA MORTE

Ainda em relação à produção de imagens de velhice, é necessário elencar a experiência da velhice com a proximidade a morte. Novamente Ariès(2006, p.9) descreve essa associação a partir das gravuras chamadas “Degraus das idades” ou das “danças macabras” bastante difundidas no século XVI até o início do XIX. Essas gravuras retratam de forma direta a conexão entre velhice e morte, como se a experiência da vida fosse um linha temporal reta, sendo a infância representada, geralmente, por bebês e a velhice por um velho barbudo ou por uma figura esquelética da morte. Não



FIGURA 25: Velhice e morte nas artes – variados artistas.

se trata de negar o princípio biológico do envelhecimento condicionado a morte celular do corpo e conseqüentemente da sua morte como um todo, porém as imagens que proliferam dessa associação reforçam pensamentos e representações, instituindo força unidimensional para um recorte fatídico da velhice.

Esse amalgamento entre morte e velhice é consequência de um olhar simplista e delimitado por inscrições sociais e culturais, que vê e associa transformações biológicas e perdas de habilidades corpóreas à morte. É inevitável que o tempo esteja nos conduzindo para a finitude, porém, como escreve Luft (2004, p.88), “precisamos superar a ideia de que estamos meramente correndo para o nosso fim, num processo de deterioração e apagamento.”

Neste momento, pondero que outras imagens se tornam necessárias para representar esse alargamento de possíveis modos de ser velho, mas, quando observo as revistas, os programas televisivos, os anúncios publicitários, entre outros à procura dessas representações, encontro ainda um número pouco expressivo dessas imagens plurais. Porém é importante considerar que as transformações não são acontecimentos lineares, mas sim movimentos que acontecem a todo o momento e em diferentes amplitudes. As imagens de velhice estão dentro desse movimento não-contínuo, mas pluridirecional, que possibilita o surgimento a todo momento de novas e outras imagens de velhice e do sujeito velho.

5. PROCURANDO A VELHICE ENTRE AS CRIANÇAS : TENDO IMAGENS E CONVERSAS COMO GUIA

Este estudo de caráter investigativo baseou-se na metodologia de pesquisa qualitativa, compreendida nesse caso, por meio de entrevistas qualitativas com um grupo de respondentes (grupo focal). A técnica de grupo focal (Bauer e Gaskell, 2008) oportuniza por meio de entrevistas semi-estruturadas – podem caracterizar-se por conversas informais – a exposição de pontos de vista, inteirações e reações, dos integrantes, às falas produzidas durante as discussões. Conforme Gaskell (2008, p.65):

A entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

O grupo focal foi formado por dezoito crianças, de cinco anos de idade, frequentadoras do Jardim B de uma Escola Estadual de Porto Alegre. As conversas e discussões com o

grupo foram realizados em quatro encontros, de duas horas cada, durante uma semana. Nesses encontros, aconteceram ações, intervenções e participações para a produção de dados.

Para compreender como os olhares dessas crianças se produzem, a partir das imagens de sujeitos velhos circulantes em diversos materiais visuais que perpassam por seu cotidiano infantil, necessitei intervir imageticamente nesse sentido. Dessa forma, compus um grande acervo de imagens de velhice e de sujeitos velhos, apresentados por meio de curtas animados, vídeos, imagens digitais projetadas e imagens recortadas de revistas variadas, que assumiram o papel deflagrador para as crianças apresentarem suas concepções sobre a temática abordada. Conforme Gaskell (2008, p.80) em situações de pesquisa com grupo focal, o uso de recursos como imagens são “materiais de estímulo para provocar ideias e discussão, [...] uma estratégia de fazer com que as pessoas usem sua imaginação e desenvolvam idéias e assuntos.”

Nos dois primeiros encontros, organizei o tempo para que as crianças assistissem aos curtas animados e vídeos selecionados, para depois realizarmos as conversas. Alguns tópicos para essas conversas haviam sido previamente roteirizados. No terceiro encontro, propus atividade de recorte e colagem com as crianças, sendo pedido que eles recortassem de revistas imagens de pessoas velhas para depois discuti-las no grande grupo. O último encontro foi dividido em dois tempos, inicialmente foram exibidas imagens digitais, comentadas e discutidas simultaneamente. No segundo momento desse último encontro, foi proposta atividade de separação de imagens, previamente selecionadas.

6. TU É MÃE? TU É PAI? TU É AVÓ?: PRIMEIRAS DELIMITAÇÕES DO SER VELHO

Meus primeiros encontros com a turma participante da pesquisa aconteceram na segunda quinzena de maio, logo após a data comemorativa do “Dia das Mães”. As crianças encontravam-se ainda muito entusiasmadas com as festividades e contagiadas, após longa semana de atividades, com essa temática. Ao chegar na sala de aula, algumas crianças vieram me receber e alimentar suas curiosidades, sendo assim, fui logo questionada sobre o meu papel familiar por um comunicativo e indagador menino da turma. A cada resposta negativa minha, mais perguntas ansiosas me fazia André para descobrir quem era a estranha que chegava.

- Tu é mãe?

-Tu é pai?

-Tu é avó?

Nessas três perguntas foi possível notar a necessidade dessa criança de enquadrar-me, posicionar-me em um papel, até mesmo etiquetar-me de forma a definir quem eu era, que lugar eu ocupava no mundo, como eu deveria ser, agir, pensar, vestir e tantos outros elementos delimitadores. O questionamento revelou tangíveis classificações e divisões em relação ao gênero e à idade. A impressão fornecida pelas perguntas é que eu deveria me encaixar em algum lugar dentro dos quadros de referência da criança.

Nesse meio tempo, o restante das crianças foi chegando para tomarem conhecimento do que acontecia e perguntei-lhes se elas achavam que eu poderia se avó. Todos responderam rapidamente que não, pois eu não era velha. Dessa forma tão simples, as crianças me forneceram a primeira pista sobre suas concepções sobre o “ser velho”. Ser avô ou avó, para essas crianças, torna-se um passaporte de ingresso para a condição de ser velho. Mais adiante, no desenrolar da pesquisa, percebi que essa concepção se torna um elemento complexo na representações de velhice dessas crianças.

Consequentemente falar de velhice e do sujeito velho com as crianças foi esbarrar no vínculo entre netos e avós, pois essa figura familiar está presente na vida de todas as crianças do grupo. Muitas delas estão em contato direto, pois ou os avós vivem na mesma casa ou são vizinhos de prédio e/ou de rua.

No momento em que as crianças relacionam que avós e avôs são pessoas velhas, elas realizam uma associação direta entre o papel familiar e a categoria social da velhice. Dessa forma, percebo que, ao sujeito velho, agrega-se um sentido coletivo dado pelas crianças que pode ser discutido como uma representação social. Na interpretação de Lopes e Park (2007, p.142):

As representações sociais são uma forma de conhecimento elaborada por determinado grupo sobre um objeto social relevante, assumindo importância ao exercer as funções de direcionar comportamentos e facilitar a comunicação entre os membros do grupo que as compartilha [...] podem ser consideradas uma versão contemporânea do senso comum.

As autoras (idem) ainda afirmam que a criança, sendo um ator social efetivo, entra em contato com representações que lhes são apresentadas e interage com o mundo de forma que “aprende as informações e as elabora, contribuindo para a construção da sociedade com suas representações sociais” (2007, p.43).

Minha primeira ação como pesquisadora naquela turma foi propor a exibição do curta animado “*The Last Knit*” (O Último Tricotar), escrito e dirigido pela finlandesa Laura Neu-

vonon. Quando assistimos ao filme, foi possível perceber como é marcante entre essas crianças a representação de velho agregada ao ser avô e avó.

A trama apresenta uma mulher, aparentemente jovem, na ação de tricotar compulsivamente seus novelos de lã e, quando eles acabam, a personagem passa a tricotar seu próprio e longo cabelo. Como foi possível notar, a trama não interessa diretamente a pesquisa, porém minha intenção não era apresentar a imagem de uma pessoa velha para então as crianças me fornecerem suas concepções sobre a temática, mas sim descobrir quais relações de velhice eles formulariam com as imagens exibidas no curta.



A primeira aparição da personagem, envolvida em sombras de um amanhecer, revela a silhueta de uma mulher com idade indefinida. No perfil velado, distingue-se o cabelo preso em coque, vestido na altura dos joelhos e o andar curvado carregando uma cadeira. A mulher senta e começa a tricotar. Somente, em um segundo momento, quando a imagem torna-se mais clara, é possível ver que a personagem é na verdade uma mulher jovem.

Apenas com a descrição da cena inicial, é possível distinguir pistas que a imagem do perfil recortado denunciaria uma pessoa velha, pois essas pistas são atributos comuns utilizados para compor nossos repertórios imagéticos e para formular determinadas representações de velhice nas quais se homogeneízam modos de ser. Nesse caso, argumento que tanto os nossos repertórios como os das crianças participantes são composições de discursos e culturas variadas, como apresenta Cunha (2005, p.118) os repertórios imagéticos são constituídos:

Dentro de uma concepção fluída de cultura, onde tanto as produções culturais interpelam sujeitos e grupos quanto são transformadas pelas participações sociais, os diferentes repertórios imagéticos produzem e são produzidos por vários discursos, criando e recriando significados, organizando e regulando um conjunto de práticas sociais.

As crianças assistiram ao filme sem tecer comentários, eu, por minha vez, também não realizei nesse momento questionamentos, pois elas estavam muito concentradas na história des-

FIGURA 26: The Last Knit

conhecida e com final incerto. Ao terminar o filme, os comentários das crianças dirigiram-se à duração do filme: elas se mostraram chateadas e intrigadas por ser um filme “muito curtinho”.

Como as crianças não mencionaram nada espontaneamente sobre a personagem da história, objeto de meu interesse, precisei intervir e pedir-lhes para me recontarem a história do filme, para provocá-los a manifestar suas impressões. Algumas crianças se prontificaram e combinamos que cada uma contaria um pouco. Vitor começou a contar e não demorou muito para que utilizasse a expressão “vovó” para se referir à personagem. Deixei que todos os voluntários contadores terminassem e precisei gastar um pouco de tempo para conseguir alguma ordem que me possibilitasse perguntar às outras crianças sobre o que elas achavam da colocação de Vitor ao referir-se à personagem como vovó. Perguntei-lhes diretamente como elas sabiam que a personagem era vovó, e então surgiram os comentários:

- *Por que ela já tava velhinha. (Adriane)*

- *O cabelo dela era de velhinha, amarrado. (Vitor)*

Em encontros seguintes, eu prossegui, exibindo pequenos vídeos, tendo em vista a exploração das imagens como fonte provocadora de conversas com as crianças sobre a temática da velhice. Antes de assistirmos aos vídeos as crianças me perguntaram se seriam tão curtos quanto do outro dia, pois elas queriam um que fosse grande e conhecido. Apesar de seus protestos quanto à duração dos vídeos, as crianças geralmente mostraram curiosidade e grande atenção em vê-los.

Um dos vídeos exibidos suscitou risos, espanto e comentários relevantes das crianças. Para a infelicidade delas, esse filme era curtíssimo, pois tratava-se de um vídeo caseiro⁶ que mostrava um menino de quatro anos de idade, sendo maquiado e caracterizado, por um adulto, para ter a aparência de um sujeito velho. Antes de começarmos a assistir, as crianças estavam inquietas e barulhentas, ao iniciar o vídeo, houve um silêncio pequeno seguido de risos, pois eles não tinham ideia do que aconteceria, mas reconheciam que o menino estava sendo fantasiado para parecer-se com alguém.

O primeiro passo para a caracterização do menino em velho foi a marcação, com lápis preto, de linhas de expressão na lateral do rosto, pequenas rugas ao lado e abaixo dos olhos e da boca, a seguir a pele era coberta com uma camada branca e os dentes frontais eram pintados de preto. Na última etapa da transformação, acontecia a fixação de um bigode e a colocação de uma peruca grisalha. Ainda nos primeiros passos da maquiagem, apenas, um dos meninos da turma me olhou e deu uma gargalhada, demonstrando ter percebido que o menino

⁶ Vídeo “Fast Aging Child” / <http://www.youtube.com/watch?v=UCpETDZg3tc> / acesso em: 19/4/ 2011.

caracterizava-se de velho, mas o olhar do menino era de espanto como se não tivesse certeza se era possível tal transformação. Outras poucas crianças perceberam a mudança e falaram baixinho a palavra velho, porém o restante da turma só pareceu entender que o menino estava sendo caracterizado como uma pessoa velha após a colocação da peruca, quando todos riram.

Após assistirmos ao vídeo, dei início à conversa, perguntado-lhes o que acontecia nos vídeos. Várias crianças falaram ao mesmo tempo, porém as falas eram similares e referenciavam o processo de maquiagem e caracterização que a criança havia recebido, porém eles não mencionaram em quem a criança se fantasiara ou se parecia, sendo necessário que eu realizasse tal pergunta. Em resposta, recebi novamente as associações entre a velhice e a condição de avós.

- *Ele tava parecido com um vovô. (Vitor)*

- *Ele tava bem velhinho, mas não era velhinho, tava só fantasiado. (André)*

Ao pedir que André me explicasse como era a fantasia, ele reforçou a concepção de Vitor, gritando que era de Vovô. Acredito que André não estava apenas repetindo a resposta do colega, mas, sim, realizando uma fala recorrente, pois entre as duas respostas houve um espaço de tempo devido aos problemas técnicos com o equipamento que suspenderam a conversa.

Quando pedi às crianças que me explicassem como era essa fantasia de vovô, eles mencionaram em um alarido uma série de elementos cujas características estão intensamente vinculadas à velhice.

- *Pela peruca! (Léo)*

- *A peruca era preto e branca (Denis)*

- *Não era cinza! (Juju)*

Nas colocações das crianças, a respeito de ambos os vídeos, percebe-se claramente que a associação de velhice com a condição de avô/avó decorrem, principalmente, a partir de atributos físicos, tais como cabelo branco (ou grisalho), andar curvado, cabelo preso em um coque entre outros. A menção recorrente desses atributos funcionou tanto para explicar a associação quanto para adjetivar o sujeito velho. Assim sendo, a recorrência dos atributos geram a intensificação de certas imagens que constituíram os repertórios imagéticos dessas crianças.

O repertório imagético infantil, assim como o de todos nós, formula-se a partir das interações que fazemos diariamente seja com outros sujeitos, outros grupos, instituições, ou pelos diversos meios, como, por exemplo, televisão, literatura, propagandas publicitárias, desenhos, filmes, brincadeiras.

A literatura infantil, por exemplo, é prodigiosa em oferecer personagens de avós que repetem o perfil da personagem do curta *“The Last Knit”*. O cabelo “amarrado” torna-se um modo usual e quase homogêneo de representar ou apresentar mulheres velhas e avós. Posso citar, como já mencionado no capítulo anterior, talvez a mais icônica na literatura brasileira, a personagem de D. Benta da Obra de Monteiro Lobato.

Conseqüentemente, a intensa regularidade de alguns atributos físicos que aparecem nas imagens de sujeitos velhos circulantes no cotidiano infantil colaboram para instituir um discurso visual que foi abraçado pelas crianças participantes para constituírem a imagem de ser velha. Tourinho (2009, p.145) discute que: “O mundo visual também junta discursos – imagem e palavra, por exemplo – e é construído a partir de articulações que os indivíduos percebem, produzem, participam, criticam e transformam ao viver suas experiências.”

6.1 ENQUANTO VOVÓ COZINHA, VOVÔ VAI TRABALHAR: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA VELHICE

Não foram apenas as marcas corporais dos personagens dos vídeos que possibilitaram que as crianças produzissem concepções de como o sujeito velho se apresenta. Agregadas às imagens, as crianças também salientaram outros fatores que se remetem a naturalizações de práticas sociais, nas quais se atrelam comportamentos e posicionamentos generificados.

Na conversa realizada após a exibição do curta *“The Last Knit”*, e com a determinação das crianças sobre a personagem ser uma vovó, continuei a insistir com elas para que me argumentassem suas declarações. Primeiro surgiram os atributos físicos para depois aparecerem as vinculações entre comportamento, velhice e posição familiar. As crianças definiram que a personagem do filme era velha e avó a partir da ação que ela realizava continuamente. Um dos meninos foi bastante enfático em suas ponderações:

- *Vovó faz isso... (Ricardo mostrando com as mão o gesto de tricotar)*

Ao mesmo tempo em que Ricardo, outras crianças também utilizavam esses argumentos definidores.

- *Por que ela tava costurando. (Vitor)*

Ao seguir questionando sobre o que mais as vovós faziam, as crianças permaneceram dando explicações relacionadas com os afazeres manuais. O “costurar (tricotar), fazer roupa, paninho” entre tantas outras tarefas foram apontadas pelas crianças como funções realizadas pelas avós

- *Vovó faz paninho. (Amara)*

- *Vovó faz moletom. (Adriane)*

Nesse momento, não ampliei a discussão sobre o que as crianças pensavam constituir ações pertinentes aos avôs (papel masculino), pois não me ocorreu tal relação, visto que o caráter dinâmico e agitado das conversas com as crianças, muitas vezes, não permitia estabelecer linhas relacionais de perguntas imediatas.

Porém considero importante salientar que todas as ações comentadas pelas crianças, a respeito do papel de avó, tiveram relação à condição do papel feminino no desempenho de tarefas manuais associadas ao cuidado e zelo pela família. Talvez essas associações sejam reflexas das experiências das crianças com suas avós, mas não podemos descartar o modo naturalizado de atribuir às mulheres, tanto jovens como velhas, posicionamentos domésticos, como enfatiza Bonin e Silveira (2010, p.3):

[...] se as mulheres, nas culturas ocidentais modernas, estiveram posicionadas no âmbito doméstico e responsabilizadas pelo exercício do “cuidado” (em relação aos outros em carência: crianças, doentes e velhos) [...], é desse lugar que se tecem as representações sobre quem são, como são e o que fazem as mulheres velhas. Nessa linha, algumas expressões de cuidado e afeto parecem ser vinculadas “naturalmente” às avós e se concretizariam, por exemplo, no ato de tricotar roupas para os familiares, de decorar ambientes com bordados e artes manuais, de contar histórias para as crianças, em atividades que, para outras gerações de mulheres, já estão mais distantes.

Após cada encontro, ao registrar os fatos acontecidos e não acontecidos, eu refletia sobre as falas das crianças e os dados proporcionados por elas, de maneira a encontrar elementos que não houvessem ficado claros ou que pudessem ser potencializados em outros dados relevantes. Sendo assim, em um dos últimos encontros, retomei as questões dos posicionamentos e comportamentos associados à mulher velha, pois permanecia a lacuna sobre o homem velho revestido no papel de avô.

Nesse encontro, não utilizei imagens para provocar as falas das crianças. Apenas sentamo-nos no chão e expliquei meu desejo de continuar nossas conversas sobre as pessoas velhas. Em determinado momento, perguntei-lhes, diretamente, se elas achavam o fato de ser velha diferente de ser velho. As crianças foram unânimes e recebi um sonoro “Não!”. Como achei minha própria pergunta complexa demais para elas, formulei outra, usando a analogia das diferenças entre meninos e meninas. Mesmo assim não obtive respostas que se aproximassem do meu foco inicial. Precisei ser mais direta e pontual na pergunta, enfocando primei-

ro o que eles achavam que uma velha fazia e como era ela. Novamente as falas repetiram e enfatizaram ações domésticas e manuais:

- *Velha tricota. (Vitor)*
- *Velha cozinha. (Denis)*
- *A velha faz biscoito. (Fernando)*

Apenas uma das meninas ampliou esse horizonte e forneceu resposta, esboçando rompimento com o trabalho doméstico.

- *Ela trabalha. Faz ginástica. (Malu)*

Quando lhes questionei sobre as ações de um homem velho, as respostas direcionaram-se opostamente. Se, para a mulher velha, as crianças observaram ações de cunho doméstico, para o homem velho, foram lançadas ações fora desse ambiente, revelando caráter mais dinâmico e ágil.

- *O velho joga bola. (Edu)*
- *Ele trabalha. (Bruna)*

Como forma de provocá-los, para compreender se suas concepções manifestavam oposições binárias entre o papel masculino e feminino, perguntei-lhes se o velho cozinhava. Houve murmúrios de “não e sim” e debates entre eles, porém as crianças que se manifestaram, argumentando, não titubearam em responder:

- *Velho não cozinha porque não sabem cozinhar, só velhas. (André)*
- *A velha cozinha e o velho trabalha. (Bruna)*
- *O velho não tricota, só a velha.(André)*

Esse fato sugere que, enquanto algumas das crianças não fixam comportamentos diferenciados para velhos e velhas, outras agregam ações e comportamentos específicos para cada gênero, de forma a invocar distinções dos papéis a serem representados. Seus olhares mostraram-se configurados a partir do que se manifesta ser adequado na formas de agir e ser dentro práticas sociais generificadas.

Os papéis de gênero formulam-se dentro de contextos históricos e culturais que permitem revelar as várias formas aprendidas de viver a masculinidade ou a feminilidade nesses contextos. Louro (1997, p.24) alerta sobre o processo de simplificar as identidades dos sujeitos a partir dos papéis de gênero e das relações interpessoais, porém apresenta que “[...] os papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar.”. A autora ainda salienta que as masculinidades e feminilidades se produzem a partir de múltiplas formas “como também as complexas redes de poder que (através das

instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros.”.

A partir das falas de algumas crianças, observei como suas concepções e representações sobre o papel da avó encontram-se naturalizadas na imagem da mulher velha que realiza atividades pacatas e domésticas como cozinhar, costurar, tricotar, enquanto o avô realiza ações dinâmicas, associadas ao masculino, como trabalhar e jogar bola.

Saliento que as concepções generificadas partem dos contextos culturais e dos diversos discursos imagéticos que atravessam o universo da infância, constituindo-se assim, em um processo entremeado pela cultura visual contemporânea que contribui para a formulação do imaginário infantil e as concepções a cerca dos modos de ser.

6.2 “MINHA VÓ É UM POUQUINHO JOVEM UM POUQUINHO VELHA”: IMAGENS PLURAIS DE VELHICE

Durante a realização da pesquisa envolvendo variadas ações, preposições e participações, foi possível observar que, apesar das crianças apresentarem imagens recorrentes, por vezes até mesmo estereotipadas, do que elas consideram serem pessoas velhas, essas imagens não se mostraram constantes e nem tão nítidas. Revelou-se um embaçamento nas representações do que é ser velho. As fronteiras dessa condição demonstraram transbordamentos, ao ponto das crianças formularem um espaço intermediário para conter outra categoria, apontada por elas como “pouco-velho/pouco jovem”.

Essa categoria tornou-se necessária, pois a vinculação gerada pelas crianças entre ser velho/a e ser avô/ó salientou paradoxos entre as imagens de velhice constantes em seus repertórios imagéticos e a imagem corporificada de seus avós.

Constatei tal situação quando lhes pedi para desenharem seus avós, não com a intenção de utilizar esses registros gráficos como dados de análise, mas, sim, como disparador de conversas para suas concepções a respeito da velhice e do sujeito velho.

Para realizar esse plano, fui passando de mesa em mesa e conversando individualmente com as crianças. Nesse momento, perguntava-lhes vagamente como eram seus avós. Para as crianças o ser velho está intrinsecamente ligado a alguns atributos físicos como: ter cabelo branco, ser magro, andar de bengala. Essa discrepância entre seus imaginários e a figura real de seus avós gerou conflitos na hora de descrevê-los como mostra as falas de algumas crianças:

- *Minha vó é um pouquinho jovem um pouquinho velha. (Edu)*
- *Minha vó é pouco veia, pouco jovem[...] ela tem cabelo preto. (Lúcio)*
- *Eles (avós) são pouco jovens, não são tão velhos... Não é tão velho é porque ele ainda consegue ficar dimpé. Ele não precisa daquela coisa assim de segurá assim. (André mostrando um caminhar curvado e o gesto de usar uma bengala)*

Foi interessante perceber o convívio entre distintas representações dos sujeitos velhos. Uma delas apresentava a recorrente imagem do velho, veiculada em diversos meios midiáticos, com marcas corporais acentuadas, até mesmo, de limitações e/ou decadências físicas, produzindo alguns dos referenciais presentes nas falas das crianças. Do outro lado, as imagens de uma velhice que não se adere a esses referenciais.

Os conjuntos de referências gerados no contexto cultural das crianças participantes da pesquisa são amplamente utilizados para produzir seus olhares sobre o sujeito velho, assim como seus repertórios imagéticos. Quando essas referências desacomodaram, pois não encontraram seu equivalente em uma situação real e/ou experienciada pelas crianças, elas necessitaram definir outra ordem para resolver o impasse gerado.

Sendo assim, as crianças foram à procura das marcas corporais que pudessem se enquadrar na imagem fixada de velhice, como salienta o diálogo que mantive com uma das meninas sobre a produção de seu desenho:

- *Minha vó ela é pouco jovem e meu vô também é pouco jovem. (Gabi)*
- *Tu achas que vô e vó tem de ser velhos? (pesquisadora)*
- *Não sei... (Gabi)*
- *Mas os teus não são velhos. (pesquisadora)*
- *Ela tem cabelinho branco, ela pinta o cabelo para não parecer (Gabi)*

A forma encontrada por Gabi para resolver o impasse gerado foi perspectivar a velhice a partir do aspecto físico, mais especificamente, do cabelo branco. Nesse caso a menina ainda achou explicação para a fase intermediária da avó que, conforme “esconde” as marcas da velhice, deixa de estar nessa condição.

As crianças demonstraram, a partir desses conflitos e paradoxos, que há um processo em operação que admite brechas, antagonismos, paralelismos, aproximações e afastamentos em suas concepções acerca do sujeito velho, porém elas utilizaram uma relação de atributos específicos de velhice, tais como cabelo branco, rugas, limitações físicas no momento de classificar quem era velho ou não.

O conflito das crianças parece corresponder às novas dimensões dadas ao processo de envelhecer. O envelhecimento tem sido postergado a partir dos discursos atuais sobre a velhi-

ce que estimulam o cuidado e embelezamento do corpo por meio da preocupação com a saúde, o uso de maquiagem para esconder ou diminuir as rugas e uso de tinta para esconder as marcas da idade vistas no cabelo. Conforme Debert (1997, p.127):

As novas imagens de envelhecimento são sem dúvida, expressão de um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem o modo de construção das identidades. [...] No contexto em que o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo não há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento de atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados.

Os atributos físicos atuavam também em uma escala de valores. O cabelo branco, geralmente sobrepujava a outras características, tais como rugas, na determinação de quem era velho ou não. Para exemplificar tal afirmação, utilizo os comentários das crianças no nosso terceiro encontro. Nesse dia, apresentei variadas imagens de pessoas velhas em diferentes faixas etárias, ações, modos de vestir, características físicas entre outros. As imagens projetadas estavam organizadas em uma sequência proposital de forma a produzir oposições e/ou similaridades.

As crianças ficaram sentadas frente à televisão e as imagens eram exibidas durante alguns segundos enquanto durassem os comentários. A primeira imagem mostrava uma pessoa (provavelmente uma mulher) de costas tendo um longo cabelo branco (Fig.27). As crianças quase em uníssono afirmaram que era uma mulher velha. Quando apontei que não era possível ver o rosto para saber se ela era velha ou não, as crianças ficaram em silêncio, um dos meninos literalmente “deu de ombros”, como se o cabelo branco fosse o suficiente como declaração de velhice.



FIGURA 27

Uma imagem que não suscitou dúvidas, mas risos das crianças, apresentava uma mulher muito velha (Fig.28) que, para salientar tal condição, recebeu de um dos meninos o status de “velhona”.

- *Eu vejo que ela é muito velha pela cara. (Denis)*

- *É tão tão velha. Ela tá assim ó (mostrando marcas em sua pele), toda amassada. (Ricardo)*

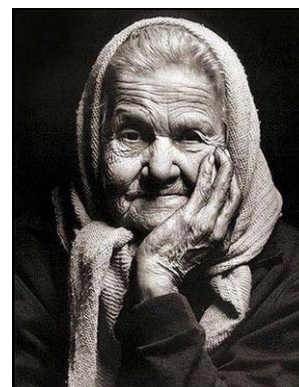


FIGURA 28

- *A boca é toda murchinha. Quem não tem dente fica assim. (Malu, encolhendo os lábios)*

- *E os dente dela, é sem dente. (André)*

Foi necessário mostrar uma imagem de uma pessoa muito velha para que eles trouxessem outras características que ainda não haviam sido mencionadas para qualificar o sujeito velho. Nesse momento, as crianças falaram bastante e agitadamente.

Passaram-se muitas outras imagens antes de aparecer o par que mostrava dois rostos com salientes rugas, marcas associadas à velhice. A primeira imagem constituía-se de metade de um rosto com rugas bem acentuadas (Fig.29), a imagem posterior (Fig.30) apresentava uma mulher de óculos, cabelos escuros e rugas mais sutis. As crianças recorreram em seus argumentos e reforçaram suas concepções acerca dos atributos de velhice assim como aos que fogem desse paradigma. A imagem apresentada na fig.30 não se qualificou como velha por ter cabelo escuro, até mesmo as rugas foram associadas a pessoas jovens.

Comentários Figura 29

- *É muito velha porque o pescoço dela é assim. (Ricardo beliscando o próprio pescoço para formar pregas)*

- *Parece listras... é tem listras. Veinho e veinha tem listras. (Denis)*

Comentários Figura 30

- *Ela é jovem! (várias crianças)*

- *Mas eu estou vendo umas listrinhas nos olhos delas? Ela continua a ser jovem? (Pesquisadora)*

- *Sim o cabelo dela não é branco. (André)*

- *É listras de gente jovem. (Malu)*



FIGURA 29

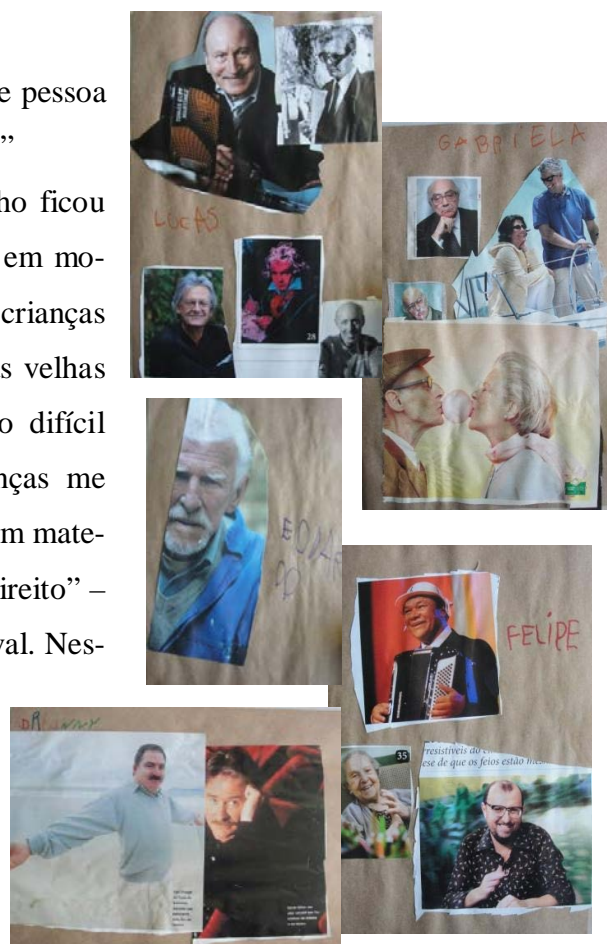


FIGURA 30

Ao verem as imagens as crianças valeram-se das características e marcas dos corpos, como cor de cabelo e rugas, para elaborarem suas concepções. Porém o corpo não é apenas um conjunto biológico de pele, cabelo, órgãos e ossos, ele também se constrói dentro do contexto cultural que lhe confere uma imagem carregada de valores e sentidos, constituindo-se assim, em importante provocador de relações e de reconhecimentos dos sujeitos, como apresenta Lopes e Park (2007, p.144) “[...] a observação dos corpos é a base dos julgamentos sobre o status e o valor dos outros, sendo o corpo humano uma entidade visível que desempenha um papel relevante na comunicação entre as pessoas.” As autoras (idem) comentam em sua obra que as crianças utilizam os atributos corporais mais visíveis e palpáveis - cabelos bran-

cos e rugas – como forma de “materializar o conceito de pessoa velha, objetivando-o no processo de representação social.”

O embaçamento nas fronteiras do que é ser velho ficou mais perceptível a partir de outras atividades propostas em momentos diferenciados. Em um dos encontros, pedi que as crianças recortassem de revistas mais de uma imagem de pessoas velhas (homens e mulheres). Durante esse trabalho, foi muito difícil fazer anotações e registros audiovisuais, pois as crianças me chamavam a todo o momento para resolver problemas com material – colas entupidas e tesouras que não funcionavam “direito” – e para me mostrarem suas escolhas objetivando o meu aval. Nesse momento insisti na importância das delimitações e escolhas próprias para representar os sujeitos velhos. Com a grande confusão e solicitação também não foi possível realizar questionamentos mais individuais e detalhados.



Devido ao tempo realizei posteriormente a amostragem de apenas algumas das produções das crianças para discutirmos no grande grupo. Nas produções de colagem das crianças, é possível observar que as imagens escolhidas compõem uma miscelânea de tipos físicos e faixas etárias (Fig.31).

FIGURA 31: produções (colagem) das crianças

Um fato peculiar me chamou a atenção ao observar as produções das crianças. A maioria das imagens recortadas pertencia a figuras masculinas. Das dezessete crianças, apenas quatro escolheram imagens de mulheres que eles consideravam velhas. Ao olhar essas produções, encontrei tanto pessoas velhas-velhas quanto pessoas consideradas⁷ jovens com as marcas associadas à velhice, tais como calvície, óculos, bigode, cabelos grisalhos entre outras. Conforme Debert (1997, p.127) “as novas imagens de velhice são sem dúvida, expressão de um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem o modo de construção das identidades.”.

Um dos meninos escolheu, para representar o sujeito velho, apenas duas imagens, e elas apresentavam homens aparentemente jovens com cabelos grisalhos. Quando o questionei sobre uma das imagens, se ele achava aquele homem velho, a criança mostrou-se sem jeito, pensou e respondeu:

⁷ Utilizo o termo jovem na condição comparativa a determinação do sujeito velho (60 anos ou mais) definido pela ONU.

- *Ele é um pouquinho só velho. (Breno)*

Algumas outras imagens reveladas ao grande grupo provocaram dissonância entre as crianças. Uma delas apresentava uma mulher sentada em uma moto. Algumas crianças consideraram inadequada para representar uma pessoa velha pois:

- *Velha não anda de moto. Ela cai e se machuca (Ricardo)*

Outras crianças resolveram essa situação dúbia ao dizer que a mulher não era velha, e nesse caso, estaria permitido o comportamento jovial de andar de moto.

- *Não é velha, o cabelo é branco loiro. (Bruna)*

Para muitas das crianças do grupo, pessoas velhas não podem andar de moto, assim como não podem realizar uma série de outras ações. A complexidade do processo de encontrar uma imagem do ser velho se expôs em inúmeros momentos, pois os estereótipos de velhice que se agregam aos repertórios dessas crianças rivalizam com outras imagens possíveis de velhice.

É importante considerar que as imagens de velhice não são homogêneas e produzem sentidos diversificados, de forma que as crianças participantes da pesquisa apontam para um movimento no qual as pluralidades nas representações de velhice se sobrepõe como camadas invisíveis. Conforme Mirzoeff (2003, p.26): [...] La imagen visual no es estable, sino que cambia su relacion com la realidad externa en los determinados momentos de la modernidad. [...] A medida que una determinada forma de representar la realidad va perdiendo terreno, otra va ocupando su lugar sin que la primera desapareça.

O fato de realizar mais de uma ação e com propostas variadas para a produção dos dados me proporcionou identificar as recorrências nas concepções das crianças acerca do sujeito velho e como elas estavam condicionadas ou se formulavam na diferenciação com os sujeitos “pouco jovem-pouco-velho”.

Outra atividade importante, para salientar minhas observações sobre os olhares infantis acerca das representações do sujeito velho, foi realizada no último encontro com a turma. A atividade consistia de trabalho em grupo, no qual eles precisaram separar em três pastas, de cores diferentes, um amplo conjunto de imagens, previamente selecionadas por mim. As ima-



FIGURA 32: Produção Breno / frente-verso



FIGURA 33: Produção Ricardo

gens apresentavam pessoas jovens e velhas, assim como artefatos variados (óculos, maquiagem, sapatos) que pudessem me fornecer pistas sobre as relações que se operam na elaboração dos olhares das crianças. Conforme minha deliberação, uma pasta foi reservada para os jovens, outra para velhos e a última para “pouco jovem-pouco velho” e em cada uma delas as crianças organizaram as imagens, conforme suas escolhas.

A opção de trabalho em grupo foi um risco, pois eu não estava certa de seu funcionamento, porém, ao me movimentar entre as mesas, percebi que, ao mesmo tempo que as crianças faziam escolhas e separações individuais, havia discordâncias. Esse fato possibi-

litou que eles debatessem e produzissem um critério mais coletivo das separações. Em alguns grupos, precisei intervir, pois as crianças não cediam nas suas opções.

Na pasta destinada aos “pouco jovem-pouco velho”, as imagens selecionadas, novamente, revelaram pessoas considerados jovens dentro de definições sociais, mas que apresentavam as marcas apregoadas à velhice de caráter físico como barba, cabelos brancos/ grisalhos, calvície (Fig.34) ou de fragilidades, como uso de bengala e cadeira de rodas (Fig.35). Esse fato reforça as concepções das crianças na existência de características fixadas à velhice, mas que se relacionam ou podem ser adicionadas a um corpo jovem, de maneira a produzir outras imagens ou categorias de velhice. Os atributos de velhice passam a ser uma espécie de gabarito, pelo qual as imagens se encaixam para se tornarem representações de categorias etárias.

As marcas corporais também podem ser entendidas de forma mais ampla, pois como discute Goellner (2003, p. 29) “um corpo não é apenas um corpo. É também seu entorno [...] é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se acoplam, a imagem que dele se produz”. Sendo assim, ao grupo “pouco jo-

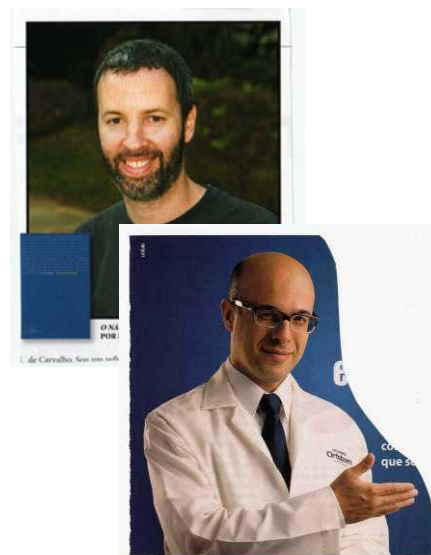


FIGURA 34: “Jovens-velhos / acervo imagens



FIGURA 35: “Jovens-velhos e frágeis” / acervo imagens

vem-pouco velhos”, foram reunidos pessoas velhas em vestimentas e/ou em comportamentos que se distanciam das formas como é comum revestir a velhice e o sujeito velho dentro de representações de velhice na cultura na qual estamos inseridos.

As crianças assinalaram em suas escolhas que um homem que expõe o corpo de maneira sensual, ou faz bola de chicle, ou usa uma farda ou simplesmente se veste de maneira mais jovial (Fig.36) não está apto a ser colocado na categoria de velho, mas mesmo assim alguns atributos no corpo desses homens as levam a definir que estão em zonas fronteiriças.

Acho importante refletir que apesar das crianças terem apresentado, por meio de suas falas, imagens que reproduzem uma corporificação da velhice homogênea, normalmente, associada a marcas de envelhecimento do corpo, elas pontuam a existência de outros modos de ser velho. Mesmo que timidamente, as crianças revelaram a possibilidade de manifestações heterogêneas sobre a experiência do envelhecimento. Goellner (2003, p.38) assinala que o corpo incorporou valores e significados ao longo de construções históricas e culturais, conduzindo assim para a elaboração de representações que atuam sobre este, como beleza, saúde, juventude e, no caso da pesquisa realizada, de velhice. A autora observa que as representações estão constantemente em processo de transformações, porém essas representações “não deixaram de existir, apenas transmutaram-se, incorporaram outros contornos, produziram outros corpos.”.

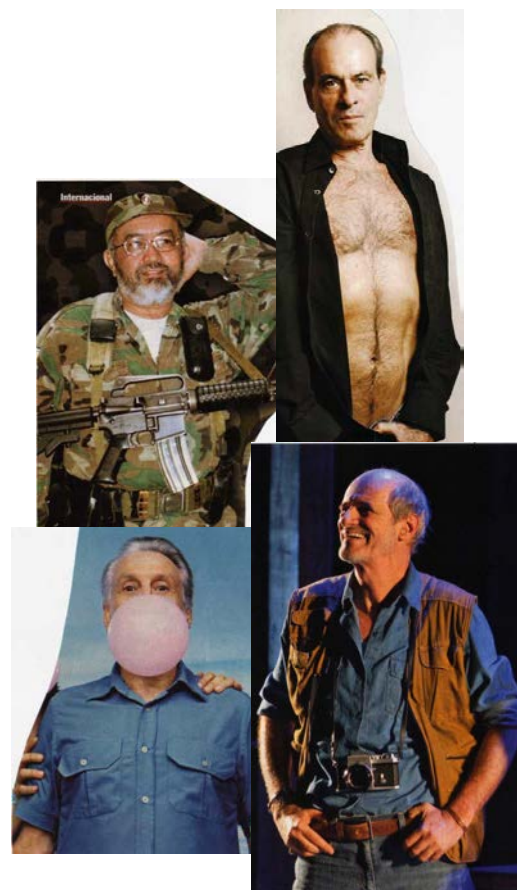


FIGURA 36: Acervo imagens

6.3 “POUCO JOVEM- POUCO VELHO”? VELHO? IDOSO? QUEM É VELHO AFINAL? : IMAGENS DA VELHICE ESTIGMATIZADA

Até aqui tenho apresentado as concepções das crianças dentro de relativismo gerados por elas, ou seja, as crianças utilizaram atributos específicos, associados a imagens do ser velho, para demarcar suas representações desses sujeitos. Mas afinal quem é o velho para essas crianças? Como seus olhares perceberam esses sujeitos? Quais implicações agregam-se nas imagens de velhice que as crianças trouxeram à baila?

Alguns atributos físicos, como o cabelo branco, rugas, uso de bengala, evidenciados nas falas já foram apresentados, porém as questões relacionadas pelas crianças como “velho pode e/ou velho não pode” também ocuparam intensamente as discussões sobre as representa-

ções de velhice e do sujeito velho carregadas nos olhares das crianças. Nessa articulação entre poder e não poder foram percebidas concepções das crianças que assinalavam para fragilidades e desgastes corporais, assim como para comportamentos adequados ou não do sujeito velho. Conforme Ramos (2006, p. 34): mais do que termos uma idade, nós pertencemos a ela. Isso significa que somos representados e interpelados a termos certos tipos de comportamentos, sentimentos, modos de ser e estar que nos situam e nos definem como pertencentes ou não a um determinado grupo etário.

Novamente ao exibir as imagens projetadas na televisão da sala, algumas delas logo provocaram polêmicas entre as crianças, pois forneciam representações pouco usuais do sujeito velho, como por exemplo, em brincadeiras ou vestidos de modo pouco convencionais. Essas imagens propiciavam manifestações de estranhezas na forma de risos, agitação e negação.

Antes de começar esse trabalho de conclusão, revi filmes sobre a temática do envelhecimento. Um deles foi o filme espanhol “Elsa e Fred” (2006). Uma das cenas me tocou de maneira significativa. A cena apresentava os dois protagonistas, sentados à mesa de um restaurante, fazendo confissões sobre seus sentimentos. Ao se declarem apaixonados tanto por si quanto pelas novas experiências desfrutadas juntos, os personagens utilizavam termos como “estou me sentido fora de mim”, “estou insano”. Falo dessa minha experiência ao rever os filmes, pois um sinal de alerta soou quando mostrei a imagem de uma mulher velha (Fig.37), completamente descolada dos estereótipos da velhice. A reação da turma foi intensa, pois riram muito ao ver tal imagem. Uma das meninas saltou rapidamente para dizer:

- *Parece uma louca. Ela não é velha, tá lôca! Não pode ser velha com esse cabelo aí. (Raquel)*

- *Ela tá de fantasia de certo. Ela não pode se vestir assim porque ela é velha. (Bruna).*

Quando perguntei como velha se veste, André se pronunciou:

- *Ela se veste de vestidinho.*

Fiquei surpresa como fatos e falas se repetem ao tratar do sujeito velho que se permite ser de outra maneira, viver outras experiências que não as convencionadas culturalmente à velhice. Em contrapartida a outra imagem (Fig.38) que veio a seguir suscitou os seguintes comentários:

- *Essa roupa é de gente mais adulta. (Bruna)*

- *Idosa, a minha vó me disse que é cor forte. (Malu)*



FIGURA 37



FIGURA 38

- Ela tá velha. (Denis)

- Ela tá muito feia. (Bruna)

A imagem de uma velha pulando amarelinha (Fig.39), assim como outras de velhos andando de bicicleta e de balanço, é um dos exemplos de discussões e perplexidades entre as crianças como mostra o diálogo:

- Essa é velha! (voz do grupo)

- Mas ela tá fazendo amarelinha?! (Raquel muito intrigada)

- E ela não pode? (Pesquisadora)

- Não. Ela pode cá e batê a cabeça no chão. (Denis)

- Se ela cá ela quebra os ossos.

Na sequência apresentava-se outra imagem de dois velhos jogando vídeo-game (Fig.40). Essa imagem, apesar de permitir outras discussões, reforçou as ponderações das crianças sobre os modos adequados de velhice.

- Eles não pode. Play é só para criança. (Denis)

Uma das meninas foi contrária à posição de Denis. Ao ser questionada por mim por que eles podiam jogar e as velhas não podiam pular amarelinha, ela respondeu:

- É sentado, aí eles não podem se machucar. (Bruna)

Continuei a exibir imagens de sujeitos velhos brincando ou realizando atividades associadas a sujeitos jovens como andar de skate (Fig.41). As crianças mostravam-se muito surpresas, porém já não achavam tanta graça. Algo desacomodava seus olhares, porém suas reflexões permaneciam:

- Ele pode cá... velhinho quebra os ossos...os osso são muito fraco. (Denis)

Os velhos andando de bicicleta (Fig.42) geraram manifestações similares as velhas da amarelinha, revelando um forte sentimento de contrariedade por um dos meninos. Denis como sempre se mostrou mais radical.

- Bicicleta é só pra jovem andar, mas não pra velho.

Pela maneira como as crianças reagiam às imagens, ficou evidente que elas consideraram inadequadas para uma pessoa idosa tais ações pouco convencionais à faixa etária. Porém



FIGURA 39



FIGURA 40



FIGURA 41



FIGURA 42

o que eu pensei em primeiro momento se tratar de uma convenção de conduta ou regulação nos modos de ser, foi acompanhada por significados de fragilidade e decrepitude do corpo velho. Penso sobre o que Lya Luft (2004, p.111) escreve sobre o processo de envelhecimento: “Meu corpo está mudando como está desde que nasci. Meu coração se transforma a cada experiência. Mas ainda palpita, se sobressalta e se assusta. Ainda sou vulnerável ao belo e bom, ao ruim e ao decepcionante, como quando eu tinha 10 anos.” Para as crianças, as mudanças ocorridas nos corpos velhos não são encaradas como transformações, mas sim como limitações físicas e comportamentais. Nesse caso, essas são representações legitimadas por discursos que perpassam no nosso cotidiano, entre eles o biológico. Como discutem Lopes e Park (2007, p.145) “a associação da velhice com a doença, morte, perdas e limitações é feita desde que a vida é periodizada sob influência de um modelo baseado em premissas biológicas, o que estigmatizou a velhice como um período de decadência e perdas.”.

6.4 “É FEIO CHAMAR DE VELHO, AÍ TU CHAMA IDOSO”: REPRODUZINDO VALORES E IMAGENS DE FEIÚRA

Duas semanas antes de começar efetivamente os encontros de pesquisa com as crianças, passei duas manhãs em sala de aula, para conhecê-las melhor a fim de criar vínculos e evitar situações de timidez no momento das conversas. Nesses primeiros contatos, mesmo sem imaginar que eu iria provocar conversas sobre velhice e sujeitos velhos, uma das meninas veio conversar comigo e com a professora da turma. Não me lembro como veio à baila o assunto, mas em determinado momento ela se referiu ao seu avô dizendo:

- *Meu avô é idoso. (Malu)*

Ao questioná-la sobre o que era ser idoso, a menina demorou a responder como se não tivesse certeza da resposta a ser dada, porém respondeu que era ser velho. Insisti com a criança querendo saber como eu reconheceria um idoso, eu deveria perguntar para as pessoas se elas eram idosas? Malu achou graça da minha pergunta e dessa vez foi mais ágil e respondeu:

- *Não! Idoso anda de bengala ou cadeira de roda porque fumou muito quando era jovem. (Malu)*

A terminologia idoso foi constantemente utilizada pelas crianças nos encontros posteriores, porém talvez a mais significativa tenha acontecido com a situação gerada após o comentário de um dos meninos sobre a forma como a personagem do curta animada “*The Last Knit*”, já mencionado anteriormente, estava vestida. Na verdade, eu os provoquei a falarem sobre como era a roupa e quem usava aquele tipo de vestuário. Denis mencionou para o colega ao lado:

- *Velhinha também usa!*(Denis)

Ouvindo isso, perguntei-lhe o que ele havia falado, pois havia muitas vozes falando ao mesmo tempo e eu realmente não o ouvira. Ele mostrou-se constrangido como se houvesse dito algo que não devia e corrigiu-se rapidamente:

- *Até as idosas usam aquela roupinha!*(Denis)

Achei necessário perguntar as outras crianças se elas as sabiam o significado da palavra idoso (mencionado por Denis), elas me responderam que eram velhinhos e velhinhas. Devo confessar que não esperava encontrar tal termo tão formalmente utilizado em uma sala de Educação Infantil. Somente depois, insistindo nas perguntas sobre quem eram os idosos e por que não os chamar de velhos simplesmente, foi possível perceber que para as crianças a terminologia idoso agrega uma série de valores morais e afetivos (vínculos com os avós) que os conduz para o emprego do termo.

- *O meu vô é idoso.* (Malu)

- *É feio chamar de velho, aí tu chama idoso.* (Denis)

- *Idoso são as velhinhas e os velhinhos.* (André)

- *Eu chamo de idoso, pois é muito feio chamar de velho.* (Raquel)

As crianças, ao continuarem a ser questionadas sobre o porquê de ser feio chamar de velho, não formularam outro argumento além da associação ao errado e feio, porém é perceptível que existem processos culturais, sociais e educativos que as levam a adotar tal definição. Durante minhas observações em sala de aula presenciei em mais de um momento a professora da turma utilizar a expressão idosa em vez de velho.

Nas formas de designação - corretas, feias, ensinadas e aprendidas - que as crianças manifestaram operam construções históricas, sociais e culturais. As representações de velhice, assim com o termo a ser utilizado, têm passado por processos de mudanças ao longo dos tempos. Conforme Peixoto (2003, p.71-72) essas transformações ocorreram por pressões de políticas sociais que reclamavam a criação de categorias classificatórias para “a construção ética do objeto velho”. A autora comenta que à condição velhice, na França do século XIX, estava atrelada a questões financeiras determinantes de indigência e miséria, protagonizadas e caracterizados pela ausência de um estatuto social: “ Os termos ‘velho’ ou ‘velhote’ podem ou não estar carregados de conotações negativas, mas quando isso acontece são empregados para reforçar uma situação de exclusão social.”. O idoso, diferentemente do velho, era apresentado como um ser possuidor de status social e de certa condição financeira, como afirma Peixoto (2003, p.):

[...] trazendo consigo uma certa ambiguidade, o termo serve para caracterizar tanto a população envelhecida em geral, quanto os indivíduos originários das camadas sociais mais favorecidas. Para além do caráter generalizante desse termo, que homogeneiza todas as pessoas de mais idade, esta designação deu outro significado ao indivíduo velho, transformando-o em sujeito respeitado.

Conforme Peixoto (2003), à medida que vamos avançando na história do século XX os vocábulos mais pejorativos começam a ser suprimidos em favor de outros que se supõe serem mais respeitosos.

A partir das falas das crianças, é possível perceber essa distinção de respeito, porém reflito se invocar o termo idoso não seria uma forma de mascarar também concepções estéticas sobre a velhice. Se dizer a palavra velho é feio, será que a velhice também não se associa à feiúra?

Na atividade de recorte e colagem, tive alguns indícios sobre essa possibilidade existir. Ao colocar para o grupo de crianças a imagem que apresentava uma mulher usando um forte batom vermelho (Fig.43), perguntei-lhes se eles a achavam velha. Muitas vezes responderam que não, porém foram alguns meninos que argumentaram não ser possível tal fato, pois “velha não pode usar batom”. Perguntei-lhes se todos concordavam e foi a vez das meninas e um dos meninos se manifestarem positivamente, pois suas avós usavam.



FIGURA 43: Produção Ricardo

Considerando que na cultura ocidental, da qual fazemos parte, o uso de maquiagem está atrelado ao gênero feminino e ao embelezamento do corpo e, sendo assim, é possível articular que as crianças produzem sentidos específicos. Inúmeras são as imagens veiculadas nos meios publicitários e de comunicação que apresentam, na quase totalidade das vezes, mulheres jovens no ato de usar e propiciar a venda de cosméticos. Essas imagens, associadas aos demais discursos, favorecem processos de naturalização, enfatizando o corpo jovem como belo, enquanto que o corpo velho se define pela ausência tanto de juventude quanto de beleza. Esse fato revela uma forma de pensar ocidental e cultural, na qual os dualismos operam para gerar conceitos. Conforme Blessmann (2004, p.24) “pensamos o corpo em oposição à mente, o velho em oposição ao novo, o idoso ao jovem [...]”. A autora argumenta que na velhice “se concentra o momento mais dramático de mudanças de uma imagem corporal, porque é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude.” (2003, p.27)

Pela afirmação de André e dos outros meninos sobre o fato da mulher velha não poder maquiarse, evidenciando assim uma preocupação com a beleza do corpo, pode-se sugerir que essas crianças carregam com elas a imagem de beleza vinculada à juventude, pois elas vivem

em um mundo visual que reforça nas imagens referências e valores estéticos, nos quais a beleza está representada no corpo jovem, sadio e perfeito.

Para reforçar essa percepção, retorno a atividade de exibição de imagens de diversas velhices para comentar as falas das crianças. Entre as imagens apresentadas estava a imagem da boneca Barbie envelhecida (Fig.44). Eu pensei que ela causaria um grande impacto, porém, ao perguntar às crianças quem era aquela, elas apenas mencionaram tratar-se da Barbie Velha. Quando os questionei sobre a Barbie ser jovem, Denis respondeu indeciso:



FIGURA 44

- *Era, mas agora não. É velha.*

Ao querer saber mais sobre o que eles achavam da imagem da boneca Barbie tão discutida nos meios acadêmicos⁸ como referencial de beleza para as crianças, perguntei-lhes se achavam a boneca bonita. O mesmo menino respondeu rapidamente:

- *Velha não! (Denis)*

Outros meninos concordaram com afirmação de Denis. Eles levantaram a questão da “boca murcha” e do cabelo branco como sinais de desagrado. As meninas mostraram-se mais tolerantes ou abertas para a maneira como a Barbie foi mostrada. Porém é perceptível que a velhice nas imagens provoca nas crianças contradições e desagrado em sua aparência, pois como expõe Ramos (2006, p. 144-145): [...] o corpo-velho está longe de ser nosso objeto de desejo: pele flácida, enrugada, cabelos brancos, possíveis estrias e uma estatura levemente curvada não têm relação (a não ser para reafirmar a juventude como norma) com a imagem hegemônica de beleza dissipada na cultura ocidental.

Dessa maneira, torna-se palpável a “re-produção” das crianças de valores sociais e estéticos formulados culturalmente e concretizados nas imagens. As visualidades das crianças estão ancoradas à referenciais de beleza reforçados, repetidos, massificados em imagens de corpos que se afastam totalmente do corpo velho, gasto e feio.

⁸ Nos meios acadêmicos existem pesquisas que abordam tal temática como o Trabalho de Conclusão “Essa é linda, heim!” :O Feio e o Belo através do universo da Barbie

7. E AGORA, O QUE FICOU PARA PENSAR E OLHAR!

“ o curso do tempo significaria me tornar cada vez mais completa, se eu não carregasse comigo o preconceito fundante de nossa época: só a juventude é bela e tem direito de ser feliz, a maturidade é sem graça e a velhice é uma maldição” (LUFT,2004).

Por meio das conversas com as crianças, de suas falas espontâneas, do que elas me deixavam perceber e que me provocavam a refletir, pude notar que existe, sim, nos olhares dessas crianças, uma imagem de velhice, estigmatizada, estereotipada, decrépita e até considerada feia. Porém essa velhice “maldita” não vive isolada de outras formas possíveis de ser velho. As crianças apontaram para articulações entre as imagens de velhice, marcada de cabelos brancos, andares curvados e cansados, rugas e “amassados”, com uma velhice não tão velha assim, na qual outros modos de ser se insinuam, apresentando um sujeito “pouco jovem - pouco velho”. As articulações foram estabelecidas a partir de experiências de conflito entre imagens estereotipadas, dispostas em inúmeros artefatos visuais, e outras imagens, principalmente dos seus avós, que revelam indícios não considerados de velhice.

As crianças utilizaram seus repertórios imagéticos, gerados por diversos atravessamentos discursivos, que imprimem nas imagens de velhice determinadas marcas corporais e comportamentais, para compor este outro sujeito que está cada dia mais presente nas formas múltiplas e heterogêneas de se ver o velho. Acredito que a forma como os olhares daquelas crianças percebem o sujeito velho possa ser explicado pela consideração de Santos (2003, p.49):

[...] a percepção e as atitudes das crianças relativas aos velhos e à velhice serão fortemente influenciadas pela qualidade de suas experiências pessoais nas interações com o idoso; nas informações e no aprendizado que receberam de maneira formal e informal sobre a velhice e os velhos; nas crenças e nos valores familiares e culturais do local onde vivem.

É importante acrescentar que além das experiências pessoais, as experiências visuais dessas crianças foram essenciais para que se produzissem as representações de velhice apresentadas. Muitas das quais ainda ditam regras sociais e culturais que determinam posturas

limitadoras traduzidas pelas crianças como “velho pode/ velho não pode” reveladoras de concepções associadas, ao corpo velho, de fragilidades e decrepitude.

Acredito que ao entender como os discursos visuais gerados a partir de inscrições históricas, sociais e culturais mobilizam os olhares das crianças, seja possível intervir nas relações que operam na produção dos modos de ser, assim como, nos modos de ver os diferentes corpos, provocando novas possibilidades de conviver com o que não somos nós, mas o outro, o estranho, o velho, futuro em todos nós.

8. REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro : LTC, 2006. 279 p.
- BLESSMANN, Eliane J. Corporeidade e Envelhecimento: o significado do corpo na velhice. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v.6, p.21-39, 2004.
- CUNHA, Susana. Rangel Vieira da. Pedagogia das imagens. In: Leni Vieira Dornelles. (org.). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. 1 ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2007, v. 1, p. 113-146.
- CUNHA, S. R. V. . Apontamentos sobre a Cultura Visual. In: 19 Seminário Nacional de Arte e Educação, 2005, Montenegro. Anais do 19 Seminário Nacional de arte e educação: a poética da docencia. Montenegro : FUNDARTE, 2005. v. 1. p. 29-41.
- DEBERT, G. G. . Envelhecimento e Curso da Vida. Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 1, p. 120-128, 1997.
- DEBERT, G. G. . O Velho na Propaganda. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso), CAMPINAS, v. 21, n. 1, p. 133-156, 2003.
- DEBERT, G. G. (Org.) ; NERI, A. L. (Org.) . Velhice e Sociedade . 1. ed. Campinas: Papirus Editora, 1999. v. 2004. 232 p.
- GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOELLNER, Silvana V. . A produção cultural do corpo. In: Silvana Vilodre Goellner; Guacira Lopes Louro; Jane Felipe Neckel. (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 1 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, v. 1, p. 28-40.
- GUSMÃO, Neusa M. Mendes. Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade In: GUSMÃO, Neusa M. Mendes (org.). **Infância e velhice : pesquisa de idéias**. Campinas : Alínea, 2003. 154 p.
- KELLNER. Douglas. **A Cultura da Mídia**: Estudos culturais-identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Trad. Paula Garcia Segura. Barcelona: Editorial Paidós Ibérica, 2003.
- BONIN, Iara ; SILVEIRA, R. M. H. . Humor, literatura infantil e diferença - um estudo com crianças dos anos iniciais. In: 33a. Reunião Anual da ANPED, 2010, Caxambu. Anais da 33a. Reunião Anual da ANPED. Rio de Janeiro : ANPED, 2010. v. 1. p. 1-16.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1997.

LOPES, Ewelline Suely da Silva ; PARK, M. B. . Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. Estudos de Psicologia (Natal), v.12, p.01-12, 2007.

LUFT, Lya. Perdas e Danos. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: Myriam Lins de Barros. (Org.). Velhice ou Terceira Idade?. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, v., p. 69-84.

RAMOS, Anne Carolina. Cultura infantil e envelhecimento : o que as crianças têm a dizer sobre a velhice? : um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2006.

SANTOS Silvia Maria A. dos. Infância e Velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: GUSMÃO, Neusa M. Mendes (org.). **Infância e velhice : pesquisa de idéias**. Campinas : Alínea, 2003. 154 p.

SARMENTO. Manuel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES. Leni Vieira (Org.). **Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância**. Petrópolis: Vozes, 2007. P. 19-40

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TOURINHO, I. . Educação Estética, Imagens e Discursos: Cruzamentos nos caminhos da Prática Escolar. In: Raimundo Martins; Irene Tourinho. (Org.). Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2009, v.1, p.141-156.

SITES E BLOGS

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/album/rembrandt.htm>

http://staff.science.uva.nl/~fjseins/RembrandtCatalogue/r_1624_1631.html

<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acervo/artieop/Geral/artigo15.htm>

<http://colunistas.ig.com.br/cip/2009/10/23/conteudo-fragil-proteja-a-terceira-idade/>

<http://lafora.com.br/2007/09/na-ativa/>

<http://www.googleimages>

FILMOGRAFIA

The Last Knit. Laura Neuvonen. Finlândia, 2005. Curta Animado (7min), sonorizado, colorido, sem legendas. Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=M6ZjMWLqJvM> / acesso em 19/4/2011.

Fast Aging Child. 2008. Vídeo Doméstico (1min23seg), sonorizado, colorido, legendado. Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=UCpETDZg3tc> / acesso em: 19/4/2011

Elsa e Fred: um amor de paixão. Marcos Carnevale. Argentina / Espanha, 2005. DVD. (108min), sonorizado, colorido, legendado.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO

Porto Alegre, 5 maio de 2011.

Senhores responsáveis, pais e mães,

Neste primeiro semestre de 2011, retorno à escola, onde realizei meu estágio curricular do Curso de Pedagogia no ano anterior, com o intuito de desenvolver, com a turma de Jardim B, uma pesquisa educacional relativa ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema é *A representação das crianças sobre o ser velho*. O trabalho será desenvolvido no mês de maio deste ano, onde farei entrevistas com os alunos (na forma de conversas informais), exibição de vídeos animados sobre o tema velhice, atividades práticas com as crianças, e uma análise posterior de todos os dados obtidos. Meu objetivo principal é compreender como os as crianças olham e percebem as pessoas idosas de maneira que se estão influenciando na construção de estereótipos sobre essa etapa de vida.

Comprometo-me a respeitar valores éticos que permeiam este trabalho, efetuando pessoalmente as entrevistas e observações. Os dados, imagens e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou escrita. A participação nesta pesquisa não oferece riscos ou prejuízo às crianças envolvidas. Se no decorrer do trabalho as crianças, a professora, ou a escola, não quiserem prosseguir, terão plena liberdade de abandonar ou interromper a pesquisa.

Como pesquisadora, responsável por este trabalho, me comprometo a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento aos pais e aos membros da comunidade escolar.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas; eu _____

R.G. nº. _____ autorizo meu filho/o (a) participar desta pesquisa.

Assinatura do responsável

Assinatura da Pesquisadora

Dados da pesquisadora:

Ana Cristina Crossetti Vidal – aluna de graduação da Faculdade de Educação – UFRGS, orientanda da Prof^a Dr^a Susana Rangel Vieira da Cunha (Professora do Departamento dos Estudos Especializados da Faculdade de Educação – Contato na FACED 33083099).
Contatos: acris_7@hotmail.com/ 3224.05.24.